



**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANA E JURÍDICAS
CURSO DE HISTÓRIA**

**O COMBATE DO FÃO NO RIO GRANDE DO SUL: UM
DESDOBRAMENTO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA
DE 1932**

Janaíne Trombini

Lajeado, dezembro de 2010

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANA E JURÍDICAS
CURSO DE HISTÓRIA**

**O COMBATE DO FÃO NO RIO GRANDE DO SUL: UM
DESDOBRAMENTO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA
DE 1932**

Monografia apresentada no Curso de Graduação em História, como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque.

Lajeado, dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela vida, pela força e pela proteção para ajudar a realizar todos os passos deste trabalho. A ele todas minhas orações sempre foram o pedido de proteção e força para contribuir nesse sonho.

Aos meus pais, Joares e Leda, meu irmão Leandro, pelo amor, dedicação, apoio fundamental, ajuda, exemplo de vida e carinho em todos os momentos da minha vida. Principalmente na vida acadêmica, pela ajuda financeira que foi de fundamental importância para minha formação.

Na minha nova etapa de vida acadêmica em Lajeado, a todas as companheiras de quarto pela “atuação”, carinho, alegria, força e apoio durante todos os bons momentos de convivência. Também aos meus familiares, especialmente minha tia Rita que colaborou com seu apoio e também ajuda para várias etapas desta conquista. Aos grandes amigos que me deram apoio, confiança, contribuição e carinho para seguir no caminho almejado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Luís Fernando da Silva Laroque, por tudo que me ajudou na orientação, esclarecimento de dúvidas, “desapaixonamento” pelo tema, pela compreensão, dedicação, auxílio no olhar de novos horizontes, pelo material emprestado e acreditar no meu potencial. Também pela convivência durante meu estágio/bolsa do projeto extensão na Univates, que aumentou ainda mais meus conhecimentos e potencial como pessoa.

A todos os meus professores deste curso maravilhoso que é História e a setores e profissionais da Univates que colaboraram para minha formação com

conhecimentos e informações. Tudo isso contribuiu para minha formação pessoal e profissional.

Aos queridos colegas que fiz ao longo dessa graduação, principalmente aqueles que de uma forma ou outra tentaram me ajudar, que me fizeram sorrir, erguer a cabeça nos momentos mais difíceis, escutar minhas histórias e dar o ombro amigo. Com certeza estarão sempre no meu coração.

Também as pessoas que colaboraram para esta pesquisa, como os entrevistados e as entidades, que se dispuseram de seu tempo para auxiliar e ajudar a construir este trabalho, contando suas vivências, sua memória e até partes de sua vida. A todos o meu muito obrigada!

Enfim, agradeço a todos que talvez esqueci de citar e que de uma forma ou outra colaboraram para realização deste trabalho.



“A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aprendizagem mental de seus historiadores”. (Jacques Le Goff)

RESUMO

Este estudo tem o intuito de analisar a Revolução Constitucionalista, ocorrida principalmente no Rio Grande do Sul e o Combate do Fão. Teoricamente nos baseamos em autores como Foucault (1979), Revel (1988), Falcon (1997) e Ribeiro Júnior (2001), para análises de fontes documentais e bibliográficas estudadas, mas recorreremos também a metodologia da História Oral através de entrevistas. Este trabalho tem como objetivo estudar o Combate do Fão ocorrido em decorrência da Revolução Constitucionalista de 1932 no Rio Grande do Sul, em regiões que atualmente pertencem aos municípios de Fontoura Xavier, Pouso Novo e Progresso. O estudo está composto de três capítulos: o primeiro ressalta os antecedentes da Revolução Constitucionalista; o segundo, analisa os diversos levantes armados ocorridos nas localidades do Rio Grande do Sul em apoio à causa paulista; por fim, o terceiro trata especificamente do levante armado, conhecido como Combate do Fão.

Palavras-chave: Revolução – Combate – Fão - História

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 OS ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA.....	22
3 O RIO GRANDE DO SUL NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932.....	36
3.1 Caçapava do Sul.....	39
3.2 Cerro Alegre.....	40
3.3 Lagoa Vermelha.....	41
3.4 Encantado.....	42
3.5 Lajeado.....	45
3.6 Pelotas.....	47
3.7 São João.....	47
3.8 São Sepé.....	48
3.9 Vacaria.....	49
4 UM EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA NO RIO GRANDE DO SUL: O COMBATE DO FÃO.....	50
4.1 A movimentação em Soledade.....	51
4.2 Os armamentos para o levante.....	56
4.3 Dispersões nos territórios em Soledade.....	57
4.4 Chegada nas planícies do rio Fão: O Combate.....	65
4.5 Final do combate: retirada e pacificação.....	70
4.6 O local do Combate.....	72

5 CONCLUSÃO.....76

REFERÊNCIAS.....81

ANEXOS.....86



1 INTRODUÇÃO

O Brasil antes da Revolução Constitucionalista de 1932 passava por uma situação econômica difícil. Estava abalado com a primeira Guerra Mundial e buscava diante do conflito desenvolver sua economia voltada para o processo exportador de produtos tais como café, algodão e açúcar. Neste sentido, também a oligarquia cafeeira paulista depara-se com a necessidade de voltar-se para industrialização, o que conseqüentemente vai acarretar uma crise no setor agroexportador. O Rio Grande do Sul, com o governo de Borges de Medeiros, optou em continuar seus planos de diversificação da economia gaúcha, mas sem maiores preocupações em proteger a pecuária, o que reacendeu questões não resolvidas desde a Revolução de 1893, as quais voltam à tona na Revolução de 1923.

Outros movimentos ocorreram no Brasil, como o levante Tenentista em 1924, episódio que levou os militares tomarem a cidade de São Paulo. Posteriormente, gaúchos e paulistas se unem formando a Coluna Prestes com características comunistas. Em 1926, em São Paulo, foi criado o Partido Democrático (PD) que tinha como objetivo maior disputar o poder nas urnas com o Partido Republicano Paulista (PRP). Os partidários do PD se uniram aos revolucionários e passam a integrar a Aliança Liberal, que englobava o tenentismo apresentando a ideia de centralização do poder, combatendo a dominação dos estados mais poderosos, como São Paulo e Minas Gerais, os quais faziam parte da república do café-com-leite.

A decadência das oligarquias brasileira foi agravada pela crise mundial em 1929, pois os países europeus restringiram as exportações. Diante disto atingiu o

mais importante produto brasileiro de exportação, o café, afetando com isto os paulistas, que eram os principais produtores. Outros setores também foram afetados, tais como as incipientes indústrias paulista e gaúcha, bem como o circuito financeiro brasileiro.

Na política brasileira, o sistema era conhecido como a política do café-com-leite, em que os dois estados, São Paulo e Minas Gerais alternavam-se no poder. O candidato oficial, em 1930, deveria ser um mineiro, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Porém, Washington Luís surge como candidato oficial à presidência da república nas eleições para o próximo mandato.

O estado de Minas Gerais descontente com esta situação rompe com São Paulo e uni-se com a bancada gaúcha no Congresso Nacional, prometendo apoio a Getúlio Vargas, que apresentou uma chapa oposicionista nas eleições de 1930. Em outubro de 1930, o golpe liderado por comandantes militares e jovens políticos no Rio de Janeiro, depõe Washington Luís e o poder é entregue, provisoriamente, em novembro do mesmo ano, o poder ao gaúcho Getúlio Vargas.

Vitoriosa a Revolução de 1930, Getúlio Vargas foi nomeado chefe do "Governo Provisório", o evento que representa o fim da supremacia política paulista e mineira. O governo de Getúlio prometia democratizar o país pela convocação da Assembleia Constituinte. Entretanto, tanto a democratização como a Constituinte não aconteceram, o que leva os governos paulista e mineiro a intimidar o presidente mesmo se fosse necessário recorrer à força armada.

Insatisfeitos com a esta situação os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais criaram Frentes Únicas contra a ditadura de Getúlio Vargas. No Rio Grande do Sul, os dois partidos, Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e Partido Libertador (PL), representados respectivamente, por Raul Pilla e Borges de Medeiros, se uniram com João Neves de Fontoura, que foi vice-governador do Rio Grande do Sul de 1928 a 1930, para estabelecer aliança com Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Já em Minas Gerais a iniciativa foi do ex-presidente Arthur Bernardes e de Mário Brandt, este último líder da Frente Única de Minas Gerais.

Assim se formavam nos estados grupos que eram contra ao governo Getulista, ajudando nas articulações do movimento constitucionalista liderado pelos paulistas.

Boris Fausto na obra “História do Brasil” (2003, p. 346) estudando esta movimentação ressalta:

Um episódio dramático, ligado à tentativa de invasão da sede de um jornal tenentista, acendeu os ânimos. Quatro rapazes (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) foram mortos a tiros, disparados da sede do jornal. Formou-se assim, ao lado de outros agrupamentos, o MMDC.

Essas mortes, em julho de 1932, servem de estopim para a Revolução Constitucionalista. A Revolução Constitucionalista também conseguiu adeptos no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. No Rio Grande do Sul a política ficou dividida: de um lado temos a facção liderada por Borges de Medeiros, o qual apoiava os paulistas. No outro, destaca-se o interventor do Estado Flores da Cunha que permaneceu ao lado do governo central e apoiou Getúlio Vargas, até a vitória definitiva sobre os paulistas.

No Rio Grande do Sul dentre os políticos do Partido Republicano temos Borges de Medeiros e do Partido Libertador, Maurício Cardoso e Raul Pilha, os quais solicitaram uma imediata reconstitucionalização do país. Estes mesmos retornaram de São Paulo para ao Rio Grande do Sul e, em 14 de agosto de 1932, saíram para o interior visando mobilizar as pessoas em apoio a São Paulo, bem como combater a intervenção instalada no país. Apesar disto, o estado de São Paulo ficou em desvantagem porque Minas Gerais e uma grande parte do Rio Grande do Sul oficialmente apoiaram Getúlio Vargas.

No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, do Partido Republicano Liberal (PRL), que se tornou porta-voz da corrente oligárquica gaúcha e ficaria ao lado de Vargas. Esse partido visava desenvolver economicamente o Rio Grande do Sul, integrando-o no mercado nacional. Segundo Sandra Pesavento em “História do Rio Grande do Sul” (1992, p. 109) destaca:

O PRL aceitava a tutela do centro, que era entendida como “colaboração” e não “subordinação” Identificava-se com as diretrizes impostas à economia brasileira por Vargas, sendo o Rio Grande concebido como “cooperador do

progresso nacional". [...] Socialmente, o PRL obrigou elementos da burguesia rio-grandense nas mais diferentes frações: agropecuaristas, comerciantes e industriais, além de profissionais liberais egressos das classes médias.

A ala regionalista era formada pela classe dominante gaúcha, como Assis Brasil, Borges de Medeiros e Batista Luzardo, que apoiaram o grupo paulista. Com isso a oligarquia gaúcha ficou dividida em duas alas, uma contra o governo central e aliada a São Paulo e outra, liderada pelo interventor Flores da Cunha, com apoio à Vargas.

Flores da Cunha, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, colocou corpos provisórios em todos os municípios gaúchos. No noroeste do estado, precisamente em Soledade, iniciou-se um levante contra Getúlio conhecido como Combate do Fão. Este levante constituiu-se de dois corpos: o quadragésimo quarto sob o comando de Coronel Pedro Correa Garcez, representando o Partido Republicano, e o trigésimo terceiro, comandado pelo Coronel Cândido Carneiro Junior, mais conhecido como Candoca, do Partido Libertador.

A direção da Frente Única de Soledade era composta pelos partidos Republicano e Libertador, e como tinham assumido compromissos em 31 de agosto com São Paulo, levanta-se em armas. Todavia, mesmo assim aconteceu mobilização de grupos que apoiavam a causa paulista. Neste levante armado conta com a adesão das brigadas em organização dos corpos auxiliares no município de Soledade, prendendo as autoridades ditatoriais, como o 44º Corpo Auxiliar sob o comando de Coronel Pedro Correa Garcez, e empossando autoridades constitucionais do General Candoca, este que passa a apoiar a causa paulista. O levante armado de Soledade em apoio aos constitucionalistas paulistas e confronto com tropas governamentais do Rio Grande do Sul é conhecido como Combate do Fão.

Atualmente, a localidade de Barra do Dudulha, está localizada no município de Fontoura Xavier e também na planície onde se encontram os municípios de

Pouso Novo e Progresso, os quais são cortado pelo rio Fão e arroio Dudaia¹. Portanto, é esta a região que compunha o cenário em que aconteceu o Combate do Fão.

O objetivo geral deste trabalho visa estudar o Combate do Fão no Rio Grande do Sul ocorrido em decorrência da Revolução Constitucionalista de 1932, em regiões que atualmente pertencem aos municípios de Fontoura Xavier, Pouso Novo e Progresso. Dentre os objetivos específicos pretendemos: a) analisar os antecedentes para eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932; b) estudar o contexto político e o posicionamento do Partido Republicano Rio-Grandense e do Partido Libertador, em relação à Revolução Constitucionalista; d) caracterizar os principais personagens do Combate do Fão, bem como sua importância na história regional; d) analisar como o Combate do Fão é tratado pela historiografia regional.

O tema proposto tem como recorte temporal o mês de julho de 1932, marco inicial da Revolução Constitucionalista em São Paulo e final o mês de outubro de 1932, por representar o momento que os paulistas definitivamente foram derrotados. Ressaltamos a delimitação deste período porque foi quando a Revolução de 1932 teve adeptos em outros estados, como é o caso do Combate do Fão no Rio Grande do Sul. Neste sentido, o recorte geográfico é o local que aconteceu o Combate do Fão, conhecido atualmente como a Barra do Dudulha, localizada no município de Fontoura Xavier e também na planície onde se encontram os municípios de Pouso Novo e Progresso, os quais são cortado pelo rio Fão e arroio Dudaia. Estendeu-se ainda pelos municípios como Soledade, Barros Cassal, Espumoso e Lajeado.

Visando analisar e entender o Combate do Fão, levantamos como problemática as seguintes questões: Que grupo social de Soledade e que agremiações políticas pertenciam às pessoas que apoiavam os constitucionalistas? Quais os dificuldades encontradas pelos revolucionários ao que se refere ao número de armamentos e enfrentamento com as tropas estaduais?

¹ Dudaia: arroio que é afluente do rio Fão, que é chamado de Dudaia. Já a localidade onde aconteceu o Combate do Fão que pertence ao município de Fontoura Xavier é Barra do Dudulha.

Sobre as problematizações apresentadas para a pesquisa, as hipóteses levantadas são: A primeira delas é que o grupo social a que pertenciam os opositores ao governo federal e que participaram do levante conhecido como Combate do Fão, pertencia a elite dos municípios de Espumoso, Mormaço, Barros Cassal e Soledade. Sobre a agremiação política faziam parte tanto do Partido Republicano Rio-Grandense como do Partido Libertador. Ressaltamos que os membros que faziam parte do Partido Libertador atacaram o quadragésimo quarto corpo provisório, que apoiava os getulistas, e os membros do Partido Republicano Rio-Grandense apoiaram aos paulistas. Borges de Medeiros do Partido Republicano Rio-Grandense e Raul Pilla do Partido Libertador, ambos que também faziam parte da Frente Única Gaúcha (FUG), eram apoiadores da causa paulista.

Quanto à segunda hipótese, dizemos que as dificuldades encontradas pelos combatentes foram muitas, em decorrência dos lugares de difíceis acessos que o levante passou e também pela quantidade de armamentos que levavam. Os armamentos doados pelo governo estadual durante a criação dos corpos provisórios em Soledade foram utilizados pelos combatentes do trigésimo corpo provisório, quando o general Candoca decidiu apoiar os paulistas, e, conseqüentemente, atacar o quadragésimo corpo provisório, que combatia a favor do governo de Getúlio.

Embora Jorge de Paula (1933) informe 1500 revolucionários apoiadores da causa paulista não identificamos na documentação que manuseamos um número certo de homens que compunham o levante do Combate do Fão. As forças estaduais que foram enviadas pelo interventor Flores da Cunha para evitar o levante apoiador da Revolução Constitucionalista, eram mais equipadas tanto em armamentos como em número de homens. Com isso, o combate se encerrou nas margens do rio Fão com a fuga dos revolucionários, os quais não tiveram como vencer as tropas estaduais e seguir seu caminho.

Este trabalho ao estudar o Combate do Fão, justifica-se pelo fato de movimentos relacionados à Revolução Constitucionalista em solo gaúcho serem poucos estudados. No levantamento de dados encontramos apenas três obras referentes à temática do Combate do Fão, tais como, Jorge de Paula em “O Fão: Episódio da revolução de 1932” (1933), Márcio Comin na obra “O combate do Fão:

Uma Interpretação através da história Política” (2002) e Leodete Dalla'angol de Souza em “Combate do Fão – Soledade – RS” (2008). Estas obras enfocam mais a participação do município de Soledade e as agremiações partidárias do que propriamente os combatentes e também os demais municípios do Rio Grande do Sul envolvidos na causa paulista não são abordados. A presente pesquisa também enfoca o Combate do Fão, ocorrido em setembro de 1932, mas diferencia-se das demais porque amplia o campo de análise, no sentido de entender como os municípios de Soledade e outros municípios vizinhos como Barros Cassal, Espumoso, Guamirim e Passo Fundo aderiram ao movimento.

Aborda ainda outros lugares que aconteceram confrontos no Rio Grande do Sul, como Vacaria, Pelotas, Lagoa Vermelha, Lajeado e Encantado, mostrando que não foi só em Soledade que aconteceram levantes em apoio a Revolução Constitucionalista. Ressaltamos por fim que, este estudo visa contribuir para a região no sentido de demonstrar que o Rio Grande do Sul participou da Revolução de 1932 e que os combatentes do levante especificamente do rio Fão, muito mais do que idolatram Getúlio Vargas, conforme aparece no imaginário rio-grandense e brasileiro até a atualidade foram contrários a este.

Como base teórica para análise dos dados relacionados ao tema estudado utilizamos autores, cujas obras podem contribuir para algumas questões analisada sobre o Combate do Fão, ocorrido em decorrência da Revolução Constitucionalista de 1932. Neste sentido, apontamos inicialmente a obra de Michel Foucault “Microfísica do Poder” (1979) a qual afirma não existir uma teoria geral do poder. Suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza com características universais, pois se trata de relações heterogêneas e em constante transformação. O autor ainda afirma que o poder não é objeto natural, mas sim uma prática social construída historicamente. Pode-se então afirmar que o “poder” se exerce em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, onde os micro-poderes existentes estão ou não integrados ou não ao Estado.

Outro trabalho é de Jacques Revel em “Jogos de escala: a experiência da micro-análise” (1988) abordando a concepção da micro-análise de duas maneiras: uma é a americana que se baseia no paradigma indiciário proposto por Ginzburg, a

outra associada à versão francesa que entende a micro-história como uma interrogação sobre a história social e construção de seus objetivos. A abordagem de micro-histórica se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, complexas e mais móveis. Porém tem seus limites já que é um conjunto social, portanto preciso definir regras de constituição e funcionamento. A análise micro-social é complexa, pois inscreve no maior número de contexto diferentes e os micro-historiadores convidam os leitores a participar da construção de um objeto de pesquisa.

Francisco Falcon no capítulo três “História e Poder” contido na obra “Domínios da História” (1997), organizada por Ciro Flamarion Cradoso e Ronaldo Vainfas, enfatiza que o poder pode ser visto como objeto de investigação e produção histórica, portanto é agente da própria história e conseqüentemente o conhecimento que se converte em objeto.

O livro de João Ribeiro Júnior “Teoria Geral do Estado e Ciência Política” (2001) aborda no terceiro capítulo aspectos sobre a instituição “Estado”, bem como sobre o conceito de revolução. Enfatiza que o povo tem o direito de intervir nos delitos governamentais e as forças revolucionárias, por sua vez, devem assumir o poder para construir uma nova autoridade dentro do estado. O autor ressalta que a resistência ativa e passiva não é só direito, mas sim dever do cidadão. O governante ao decidir sobre sua legitimidade pode estar sujeito à resistências inclusive enfrentando violência. Finaliza conceituando que “revolução” é uma transformação radical, fundamental e tem maior probabilidade de incluir a participação do povo.

Para elaboração desta pesquisa recorreremos a fontes documentais e bibliográficas. Relacionado a fontes documentais destacamos entrevistas realizadas entre maio de 2009 e agosto de 2010 nos municípios de Barros Cassal, Pouso Novo e Estrela; reportagens de jornais como O Informativo do Vale e Zero Hora, precisamente entre os anos de 2005 e 2010 e a poesia de Diógenes de Carvalho contida na obra “Memorial de 32: Diário de um revolucionário” (projeto Soledade 1932-2002), organizado por Florisbella Carneiro Zimmermann, que conta através de poesia e como o diário de uma testemunha do período de 1932.

Dentre as fontes bibliográficas apontamos inicialmente a obra de Arthur Ferreira Filho, “História Geral do Rio Grande do Sul” ([1958]1978), que informa os partidários que haviam assumido compromisso de honra com São Paulo e participavam do Partido Republicano Rio-Grandense, chefiado por Borges de Medeiros e do Partido Libertador, liderados por Raul Pilla. Já Flores da Cunha procurava reprimir essas forças simpatizantes com a Revolução Constitucionalista. São mencionados dois levantes que ocorreram, um em Vacaria e outro em Soledade, o que terminou no Combate do Fão, quando as forças rebeldes são chefiadas por Cândido Carneiro e pelo Cel. Urbano Benigno dos Santos. Há também outro levante menos expressivo que ocorreu em Nonoai, bem como a tentativa de formar colunas em Santiago do Boqueirão e Tupanciretã.

Outro trabalho de extrema importância para esta pesquisa é o de Jorge de Paula, em seu livro “O Combate do Fão” (1933), enfocando o levante desde o início, em Soledade, até seu término nas margens do rio Fão. Apresenta uma retrospectiva dos acontecimentos envolvendo os principais personagens dos partidos Republicano e Libertador e os desafios enfrentados durante o percurso do combate. A obra é muito relevante para a pesquisa, pois aborda detalhes sobre o combate.

Temos também Sérgio da Costa Franco na obra “Soledade na História” (1975) abordando a história do município de Soledade. Tem um capítulo sobre a participação de Soledade na Revolução Constitucionalista de 1932 e analisa ainda a situação de Soledade após o envolvimento com a causa paulista.

Sandra Pesavento no livro “História do Rio Grande do Sul” (1992), apresenta um panorama da história do Rio grande do Sul dos séculos XVI ao XX. No capítulo IV estuda desde a Revolução de 1930 até o Período Populista em 1934. Também demonstra que durante a Primeira República, o Rio Grande do Sul encontrava-se numa situação entre as alas dos pecuaristas e dos industriais. Em vista disto, ocorreu uma divergência nas alas gaúchas: uma passa a apoiar o interventor Flores da Cunha, a outra apoia São Paulo. Conclui informando que com o término da Revolução Constitucionalista de 1932 efetuou-se a vitória de Getúlio Vargas sobre as forças oposicionistas gaúchas e paulistas.

José Alfredo Schierholt em “Lajeado I” (1992) aborda a Revolução Constitucionalista no município de Lajeado e informa que a Revolução contou com um levante armado neste município. Os combatentes, principalmente pessoas simpatizante da causa paulista em Lajeado foram até a localidade de Campo Branco, Progresso, e iriam se incorporar ao Combate do Fão, na localidade de Barra do Dudulha. A obra também levantou questões sobre a situação política de Lajeado na época e como se encerrou o levante armado em apoio à causa paulista.

Garibaldi Almeida Wedy no seu estudo “Pequeno grande mundo de Soledade” (1996), trata a história de Soledade desde a década de 1894 até os anos de 1940 e apresenta os principais políticos do município. De início menciona seu sogro, o médico e político Kurt Spalding, e também episódios relacionados à Revolução Constitucionalista que ocorreram no município. Informa que participou desta Revolução tendo sido futuramente homenageado com a designação de seu nome a uma rua por onde o levante passou. Dedicou algumas partes do livro a respeito do levante que culminou no Combate do Fão, bem como de pessoas de Soledade que participaram.

O combatente João dos Santos Almeida na obra “Sonhos, persistência e coragem” (1999) relata os acontecimentos sobre o Combate do Fão, mais precisamente do município de Barros Cassal onde morava. Aborda ainda como o grupo se formou, as demais pessoas que fizeram parte do grupo organizado pelo general Candoca, o qual vinha de Soledade. A obra também trás informações sobre os combatentes do município de Lajeado liderados pelo coronel Antenor Lemos, que desejava se somar aos revolucionários, os quais se encontravam nas margens do rio Fão.

A obra de Hernâni Donato “Dicionário das Batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária” (2001) aborda todas as batalhas ocorridas no Brasil desde os conflitos com indígenas até a década de 1960. Referente à Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul, encontramos muitos levantes ocorridos no estado em localidades como Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Caçapava, Cerro Alegre, São Sepé entre outros. Ressaltamos que esta

obra é bastante relevante, visto que nenhuma outra obra que manuseamos aborda o assunto.

Márcio Comin no livro “O Combate do Fão: uma interpretação através da história política” (2002) analisa as articulações partidárias do município de Soledade e a participação deste município na Revolução Constitucionalista de 1932, o qual vai originar o levante armado conhecido como Combate do Fão. Ele trata também a política e a economia brasileira entre os anos de 1920 e 1932. Aborda a situação política do Rio Grande do Sul desde a década de 1920 até 1932, como a Revolução de 1923, o coronelismo ou o que ele chama de “mandonismo local”, a criação dos partidos Libertador e Republicano Rio-Grandense e a participação do Rio Grande do Sul na Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932.

Boris Fausto no livro “História do Brasil” (2003) estuda a história do Brasil desde a chegada dos europeus até a década de 1980. O capítulo VII trata sobre o estado Getulista desde os anos 1930 até 1945. Analisa a situação econômica brasileira e o plano político abordando as oligarquias regionais e os tenentes. O autor explica como ocorreu a Revolução Constitucionalista e seus respingos nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul menciona apenas uma rebelião, a qual logo foi derrotada, mas não apresenta maiores informações sobre ela.

O historiador Leandro Lampert, filho de um combatente, no livro “Os Lampert: Origens, História e Genealogia” (2005) aborda no capítulo três a participação do município de Lajeado (no Vale do Taquari – RS) na Revolução Constitucionalista de 1932. Ele trata da Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul e os lugares que o levante surgido em Lajeado percorreu nas suas dificuldades encontradas retornou ao ponto para a cidade de Lajeado. Dentre os revolucionários lajeadense estava seu pai, Mário Lampert, que juntamente com os demais, desejava incorporar-se ao levante surgido no município de Soledade.

A monografia do Curso de História da UNICRUZ, da autoria de Leodete Dall’agnol de Souza “Combate do Fão” (2008) estuda a participação do município de Soledade na Revolução Constitucionalista de 1932. A autora aborda a situação

sócio-econômica e política do Brasil em meados de 1932 e explica os fatores que levaram à Revolução de 1932. Trata o Combate do Fão, do início ao fim do movimento, elencando principalmente a participação de Soledade.

A metodologia utilizada na pesquisa deste trabalho foi através da pesquisa bibliográfica, documental e também da História Oral. A pesquisa documental realizou-se em acervos de Museu e Casa de Cultura, em Soledade, no Arquivo Público, em Lajeado, no Arquivo Público, em Porto Alegre e também no Museu Militar, em Porto Alegre, e também no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), em São Paulo, com documentos que retratam sobre a Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul. Além disso, também pesquisou-se em jornais como O Informativo do Vale de Lajeado, O Correio do Povo e Zero Hora de Porto Alegre, os quais tratam sobre a Revolução Constitucionalista e o Combate do Fão. Todos estes materiais bibliográficos e documentais foram analisados, anotados e utilizados para a pesquisa.

Na metodologia da história oral nos baseamos em autores como Paul Thompson (1992) e Loiva Otero Félix (1998) que tratam sobre a história oral. As entrevistas realizadas deram-se com familiares de combatentes e demais pessoas que ainda vivem próximas à localidade de Barra do Dudulha, local do término do Combate do Fão. Por fim, informamos que todos os documentos sobre história oral foram transcritos, analisados e as informações utilizadas para a pesquisa.

A estrutura do texto está dividida em três capítulos. Sendo que o primeiro capítulo “Os antecedentes da Revolução Constitucionalista”, apresenta um breve histórico sobre acontecimentos ocorridos no Brasil antes da Revolução Constitucionalista de 1932, os quais proporcionaram o levante armado em São Paulo. Apresentamos brevemente a situação econômica do Brasil desde a Revolução de 1923, a criação do Partido Democrático em São Paulo, a crise de 1929, a Revolução de 1930 e os fatores decisivos para desencadear a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo, bem como as repercussões que teve no Rio Grande do Sul.

O segundo capítulo “O Rio Grande do Sul na Revolução Constitucionalista de 1932”, aborda a Revolução Constitucionalista de 1932 articulando episódios envolvendo a participação de localidades rio-grandenses apoiadoras dos paulistas. Dentre as localidades encontram-se os municípios de Caçapava do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Cerro Alegre, São Sepé, Encantado e Lajeado. Estas localidades enfrentaram conflitos com forças governamentais regionais, visando impedi-las apoiar a causa paulista.

O terceiro capítulo “Um episódio da Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul: O Combate do Fão”, enfatiza o levante armado iniciado em Soledade e principalmente o acontecimento que acarretou o Combate do Fão na localidade de Barra do Dudulha. Enfatiza as questões partidárias dos combatentes e a que classes sociais estes pertenciam, os locais que os combatentes passaram até chegar às margens do rio Fão, as dificuldades encontradas por eles envolvendo alimentos, armamentos e roupas, bem como o medo dos moradores quando deu-se o confronto entre as tropas na localidade de Barra do Dudulha. Também elencamos a retirada dos combatentes quando não tinham mais armamentos e chances de vitória sobre as forças governamentais e o cenário em que o Combate do Fão aconteceu, tais como os rios principais e o cemitério onde os combatentes estão sepultados.

2 OS ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

Este capítulo visa contextualizar historicamente o Brasil entre os anos de 1924 a 1932, trazendo fatores históricos que propiciaram a ocasionar a Revolução Constitucionalista de 1932 e o Combate do Fão. O referido combate, tema principal deste trabalho abordaremos no terceiro capítulo.

O conceito de revolução utilizado neste trabalho deve ser entendido na concepção proposta por João Ribeiro Júnior na obra “Teoria Geral do Estado e Ciência Política” (2001, p. 300) conforme segue:

[...] o povo tem o direito de intervir nos delitos governamentais e as forças revolucionárias, por sua vez, devem assumir o poder para construir uma nova autoridade dentro do estado. A resistência ativa e passiva não é só direito, mas sim dever do cidadão. O governante ao decidir sobre sua legitimidade pode estar sujeito à resistências inclusive enfrentando violência. A revolução é uma transformação radical, mais fundamental, e tem mais probabilidade de incluir a participação do povo.

O Brasil a partir dos anos de 1920 passará por algumas revoluções e transformações, sejam elas de caráter popular ou das elites que almejavam a continuação dos seus interesses. Especificamente relacionados à Revolução Constitucionalista de 1932, o cenário brasileiro embora abalado com a primeira Guerra Mundial, busca diante do conflito desenvolver a economia através de um processo exportador de produtos tais como café, algodão e açúcar. Neste sentido, também a oligarquia cafeeira paulista depara-se com a necessidade de voltar-se para indústria e acarreta uma crise no setor. Com o final da Primeira Guerra Mundial, muitos países deixaram de negociar com o Brasil levando a falência de frigoríficos e

demissão de funcionários no país. No Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, optou em continuar seus planos de desenvolvimento da economia gaúcha não protegendo a pecuária, o que reascendeu questões não resolvidas na Revolução de 1893, as quais voltam à tona na Revolução de 1923.

Outros movimentos ocorreram no país, como o levante Tenentista em 1924, episódio que levou os militares tomarem a cidade de São Paulo. Representou um momento de insatisfação da sociedade brasileira, nos setores da burocracia do estado e da sociedade civil, os quais se encontravam mais distante dos privilégios do poder. Segundo Nelson Werneck Sodré no seu livro “O tenentismo” (1985, p. 36) temos:

O tenentismo lutava pela moralidade política nacional e das aspirações políticas da classe média, aliada natural da burguesia industrial, classe que se formara em oposição ao latifúndio tradicional. Foi também um movimento autônomo das camadas médias urbanas, tinham objetivos modestos, dependente da oligarquia e incapaz de ter um partido próprio.

Também em 1925 gaúchos e paulistas se unem formando a Coluna Prestes com características comunistas, o que se torna uma preocupação interna brasileira. No governo de Washington Luiz, o qual se estende de 1926 a 1930, Getúlio Vargas por dois anos assume importante cargo no Ministério da fazenda ganhando experiência política no desempenho da função.

Segundo Ítalo Tronca (1995, p. 14), em 1926, foi criado o Partido Democrático (PD) em São Paulo, que tinha como objetivo maior a disputa do poder nas urnas com o Partido Republicano Paulista (PRP). Eles se uniram aos revolucionários e passam a integrar a Aliança Liberal, mais tarde partido de Getúlio Vargas à presidência da República, acompanhado de João Pessoa, como vice-presidente. A Aliança Liberal (AL) englobava o tenentismo que também apresentava a idéia de centralização do poder, mas combatia a dominação dos estados mais poderosos, tais como São Paulo e Minas Gerais, os quais faziam parte da república do café-com-leite.

A decadência das oligarquias foi agravada pela crise mundial em 1929, pois os países europeus restringiram as exportações. Esta situação atinge os paulistas

que eram exportadores do principal produto brasileiro que era o café. Também foram afetados como a indústria de São Paulo e o circuito financeiro gaúcho.

Para Boris Fausto (2003, p. 323-328), o sistema do café-com-leite vinha vigorando por 36 anos, o que facilitava aos paulistas e mineiros alternarem-se no poder. Conseqüentemente, o candidato oficial, em 1930, deveria ser um mineiro, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Porém, Washington Luís, depois de consultar os 20 presidentes de estado, em julho de 1929, recebeu o apoio de 17 deles ao paulista Júlio Prestes, também representante do tenentismo e o indicou como candidato oficial à presidência da república nas eleições que aconteceram no ano seguinte.

O estado de Minas Gerais descontente rompe com São Paulo, unindo-se à bancada gaúcha no Congresso Nacional e prometendo apoio a Getúlio Vargas, candidato à presidência pelo Rio Grande do Sul, que apresentou uma chapa oposicionista nas eleições de 1930. A Aliança Liberal, grupo do qual Getúlio provinha, propôs medidas de proteção aos trabalhadores, tais como defesa das liberdades individuais, anistia e reforma eleitoral, conseguindo através disto uma simpatia da classe média urbana que então passa a apoiá-los.

Em outubro de 1930, o golpe militar liderado por comandantes militares e jovens políticos no Rio de Janeiro, depõe Washington Luís e entrega, provisoriamente, em novembro do mesmo ano, o poder a Getúlio Vargas. Vitoriosa a Revolução de 1930, Getúlio Vargas foi nomeado chefe do "Governo Provisório" e põem no governo federal o fim da supremacia política de São Paulo e Minas Gerais.

O governo de Getúlio pontuava o fim do coronelismo e voltava-se para a industrialização procurando modernizar o Brasil, incentivando o consumo de produtos nacionais, o desenvolvimento planejado e prometendo democratizar o país pela convocação da Assembléia Constituinte. De concreto, entretanto, tanto a democratização como a Constituinte não acontece o que leva muitos governos dos estados a intimidar o presidente mesmo se fosse necessário recorrer à força armada.

Entre 1930 e 1931, os tenentes em cada estado procuravam se organizar em regiões revolucionárias com a criação de clubes numa tentativa de afirmação da sua política. Os opositores apoiaram o movimento tenentista e conseqüentemente, receberam apoio dos tenentes para se colocarem no poder em seus respectivos estados. Maria Helena Capelato na obra “Movimento Paulista de 1932 a causa paulista” (1981, p. 8) ressalta que há [...] “análises sobre a década de 30 apontam para 32 um momento de luta entre os tenentes no poder e a oligarquia paulista [...]”.

A oposição paulista gostaria de estar à frente do governo provisório do estado, motivo pelo qual se aliou aos seus inimigos para lutar contra a centralização do poder e pela volta da autonomia de São Paulo, pois não aceitava um regime político que restringia seu poder, bem como impedia seu desenvolvimento e progresso. Vale lembrar que os grandes latifundiários de São Paulo não ficaram do lado de Washington Luís, pois ele tinha recusado a financiar a aquisição dos excedentes da enorme produção de café em 1929-1930.

Os cafeicultores paulistas no discurso do governo Vargas não seriam prejudicados pela política econômica, pois ele quando assumiu o poder prometeu socorrer a lavoura de café, propondo aumento de preços e também acabar com as intervenções no mercado cafeeiro. Entretanto o resultado foi o não atendimento das propostas, gerando conseqüentemente o descontentamento paulista.

Recorrendo novamente a Maria Helena Capelato em sua obra (1982, p. 16) observamos o seguinte:

Entre novembro de 1931 e fevereiro de 1932 o Partido Democrático procurou alianças em outros estados, rompeu publicamente com Getúlio Vargas e concretizou um acordo com o PRP que era seu inimigo de antes, formando a Frente Única Paulista (FUP).

Frente a esta situação não somente em São Paulo, mas no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, criaram-se frentes únicas contra a ditadura de Getúlio Vargas. No Rio Grande do Sul, os dois partidos, Republicano e Libertador, representados, respectivamente, por Raul Pila e Borges de Medeiros se uniram com João Neves de Fontoura para estabelecer aliança com Minas Gerais, São Paulo e

Rio de Janeiro. Já em Minas Gerais a iniciativa foi do ex-presidente Arthur Bernardes e de Mário Brandt. Assim se formavam grupos nos estados que eram contra a posição Getulista, ajudando na conspiração do movimento constitucionalista.

Em março de 1932, os gaúchos Mauricio Cardoso, Lindolfo Collor, Batista Luzardo e João Neves de Fontoura pediram demissão de seus cargos junto ao Governo Getúlio e deram início a campanha revolucionária. Sabendo disso, Getúlio não se deixou para trás e acelerou o projeto de Constituição no país. Logo após o início do movimento, Flores da Cunha, interventor no Rio Grande do Sul, decidiu dar apoio à Vargas e Olegário Maciel de Minas Gerais também aceitou negociar com o poder central. Há ainda interventores em outros estados que se colocaram ao lado do governo federal, como é o caso do Ceará oferecendo tropas para lutar contra o movimento paulista. Assim, em agosto de 1932, o 23º Batalhão de Caçadores, envia para São Paulo contingentes de soldados para ajudar na Revolução.

Boris Fausto no trabalho “História do Brasil” (2003, p. 346) estudando este assunto ressalta:

Um episódio dramático, ligado à tentativa de invasão da sede de um jornal tenentista, acendeu os ânimos. Quatro rapazes (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) foram mortos a tiros, disparados da sede do jornal. Formou-se assim, ao lado de outros agrupamentos, o MMDC.

Essas mortes foram o estopim que em 9 de julho de 1932 deu início à Revolução Constitucionalista. Com a ajuda dos meios de comunicação em massa, o movimento ganha apoio popular e mobiliza 35 mil homens pelo lado dos paulistas, contra 100 mil soldados representando o governo Vargas. A imprensa teve grande papel como formadora de consciências de ideologias dominantes através da propaganda em jornais, artigos, editoriais e manchetes.

A Revolução Constitucionalista também esteve presente em quase todo o Brasil. Sobre isto Hernâni Donato “Dicionário das batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária (2001, p.236) aborda:

A Revolução Constitucionalista no Brasil todo repercutiu nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais e Pará. Os choques menores foram: Rio verde (MS) em 15/07/1932. Passo das Canetas/São João (RS) em 10/09/1932. Ilo Bica/São João (RS) em 10/09/1932. Fazenda Três Lagoas (MS) em 18/07/1932. Passo da Rocha/Soledade (RS) em 13/09/1932.

Porém, as informações encontradas nos remetem ao Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Mato Grosso do Sul manteve-se leal a São Paulo, sendo o comandante da Revolução no estado o general Isidoro Dias Lopes, apoiado fortemente pelo contingente de Mato Grosso, comandado pelo general Bertoldo Klinger.

Recorrendo a Hernâni Donato (2001, p. 475) na obra anteriormente citada ainda referente ao Mato Grosso do Sul temos:

15 e 25/09/1932 Mato Grosso. Revolução Constitucionalista. Primeiro choque, na frente norte do estado, entre civis armados pró e contra a proclamação do estado de Maracaju ou Mato Grosso do Sul e seu alinhamento revolucionário de São Paulo. Seguiram-se os encontros da Fazenda Três Lagoas do qual saiu ferido gravemente o comandante dos sulistas, Cap. Manoel Teixeira de Matos, Capão onde o Cap. Zeferino Rolim venceu os ditatoriais sob Zeca Barbosa, e Rio Iguatemi, terminando com a vitória dos constitucionalistas de Valêncio Brum sobre os getulistas de Gerônimo Belmonte. Em meados de agosto, os situacionistas retiraram-se para a margem direita do Rio Iguatemi onde permaneceram até o final da campanha.

No Rio Grande do Sul a Revolução Constitucionalista acarretou uma cisão na oligarquia gaúcha: de um lado, temos a facção liderada por Borges de Medeiros, o qual apoiava os paulistas. No outro extremo, destaca-se o interventor do Estado Flores da Cunha que permaneceu ao lado do governo central e apoiou Getúlio Vargas, até a vitória definitiva sobre a oposição gaúcha e paulista.

O governo provisório de Vargas procurava punir os militares que haviam empastelado o diário Carioca e os gaúchos que ocupavam cargos em seu ministério se retiravam. Dentre estes políticos do Partido Republicano Rio-Grandense, temos Borges de Medeiros e do Partido Libertador, destacam-se Maurício Cardoso e Raul Pilla, os quais solicitaram uma imediata reconstitucionalização do país.

Como deixaram de seus cargos, retornaram ao Rio Grande do Sul e, em 14 de agosto de 1932, saíram para o interior visando mobilizar as pessoas em apoio a São Paulo, bem como combater a intervenção instalada no país. Em linhas gerais o estado de São Paulo ficou sozinho, porque Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e uma grande parte do Rio Grande do Sul oficialmente apoiaram Getúlio Vargas.

Fábio Kühn em seu livro “Breve História do Rio Grande do Sul “(2004, p. 125-126) informa:

Pacificado o estado, Flores da Cunha organizou o Partido Republicano Liberal (PRL) de apoio a Vargas, tendo como programa reformista desenvolver economicamente o Rio Grande do Sul, colocando-o no mercado nacional. Em termos de sua composição social, pode-se afirmar que o PRL foi representativo pelos interesses da burguesia (agropecuária, comercial e industrial) rio-grandense.

No Rio Grande do Sul, o interventor Flores da Cunha, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, colocou corpos provisórios em todos os municípios gaúchos. Todavia, mesmo assim, aconteceu mobilização de grupos que apoiavam a causa paulista. Artur Ferreira Filho ([1958]1978, p. 232-233) ao estudar o tema destaca:

[...] dois levantes que ocorreram, um em Vacaria e outro em Soledade, o que terminou no Combate do Fão, quando as forças rebeldes são chefiadas por Cândido Carneiro e pelo Cel. Urbano Benigno dos Santos; outro de menor vulto em Nonoai e a tentativa frustrada de Lindolfo Collor e, Marcial Terra, para formar uma coluna em Tupanciretã e Santiago do Boqueirão.

Carlos Roberto da Rosa Rangel (2007, p.26), que estuda a questão também informa:

Sabe-se quanto foi tímida a participação dos setores populares na Revolução Paulista, mas no Rio Grande do Sul a mobilização foi frustrante. Um levante em Vacaria, facilmente subjugado pela Brigada militar; uma fuga cinematográfica de Batista Lusardo e Borges de Medeiros de Porto Alegre, no fundo de um barco pelo rio Guaíba, seguindo do vexame nas mediações de Santa Maria, onde uma pequena força rebelde foi cercada, provocando a fuga de Lusardo ao Uruguai e a prisão de Borges de Medeiros, que se entregou sem ter dado um único disparo.

No noroeste do estado, em Soledade, onde iniciou o levante conhecido como Combate do Fão foi criado dois corpos. O quadragésimo quarto sob o comando de

Coronel Pedro Correa Garcez representando o Partido Republicano Rio-Grandense e o trigésimo terceiro comandado pelo Coronel Cândido Carneiro Junior, mais conhecido como Candoca, do Partido Libertador. Márcio Comin (2002, p.26) sobre isto chama atenção:

Para a constituição do quadragésimo terceiro corpo provisório a interventoria estadual destinou noventa conto de réis ao coronel Candoca, este utilizou-se para arregimentar os revolucionários locais, aproximadamente quatrocentos homens.

A direção da Frente Única, composta pelos partidos Republicano e Libertador de Soledade, fiéis aos compromissos assumidos em 31 de agosto pelos seus chefes em São Paulo, levanta-se em armas. Neste levante conta com a adesão das brigadas em organização no município de Soledade, prendendo as autoridades ditatoriais e empossando autoridades constitucionais. Informações a este respeito fornecidas pelo entrevistado B (2009, p. 8) atestam:

Clóvis Líbero Cardoso foi o 1º advogado formado e esse cara era delegado de ofício, não existia faculdade e respondia como advogado. Edson Bocardis esse aqui era de Espumoso. Antonio Perreira de Almeida de Soledade que era parente do seu João. Manoel da Silva Conrado, esse aqui os dois filhos dele mora em Passo Fundi. Omir Ferreira Ponte foi três vezes prefeito de Soledade, Amir Tatim aqueles ali de Fontoura, parente do médico de Soledade. Ivo Tomasi teve três da família, o pai e dois filhos que foram né, Emílio Jacobi, José Ferreira Dias, Cantilho Borges, Timóteo Moreira, Guilherme Vasconcelos, Pedro Guilherme da Silva, Dário Carneiro que era irmão do Candoca, Sebastião de Borges que é daqui de Barros Cassal, Alfredo Dias de Soledade, Armando Souza Campos advogado lá de Passo Fundo muito inteligente, Henrique de Mormaço, Pedro Carneiro irmão do Candoca que é pai de Isabela. Mauro Rodrigues que já foi prefeito, Ivo Barroso é de Soledade. Nicanor de Almeida era daqui também, Pedro Bambini é o pai do brigadeiro, José Miguel Dick tinha moinho em Soledade, Ludovico Tomasi, Hugo Tomasi, Osvaldo Vieira era dentista e foi prefeito, Rodolfo Tatim de Fontoura, Honorato de Almeida meu pai e Henrique Batista e Teodoro Serrano.

Também é interessante lembrar que a mobilização leva a campo partidários ligados as pessoas influentes na cidade, os quais possivelmente não tinham consciência política sobre as pretensões de seus líderes. Sobre isso Leandro Lampert em seu livro “Lampert: Origens, História e Genealogia” (2005, p. 64) enfatiza que a [...] maioria dos voluntários nem sabia bem o que estava ocorrendo e foram à revolução levados por lideranças ou por mero espírito de aventura [...].

Os principais membros do partido Republicano e Libertador em Soledade articularam-se na formação de um levante para apoiar São Paulo. Candoca, conforme já nos referimos não mais ficou do lado de Flores da Cunha e decidiu apoiar a causa paulista. Atacou o quadragésimo quarto corpo provisório, manteve presos os oficiais do referido corpo e tomou todos os armamentos que com ele estavam.

Em 1º de setembro de 1932, é assinado, por integrantes do município de Soledade e distritos vizinhos como Espumoso, Barros Cassal e muitos rio-grandenses próximos aos municípios, um manifesto de honra. Logo pós partem para São Paulo em apoio às forças constitucionalistas. Sobre isto Jorge de Paula na obra “O Combate do Fão” (1933, p. 125) enfatiza:

A terra heróica de Soledade, atendendo à voz dos Partidos Republicano e Libertador e honrando suas tradições, levanta-se hoje de armas na mão pela restauração da ordem do regime legal no Brasil. Estamos com uma brigada de um efetivo superior de mil e quinhentos homens armados, cheios de ardor e fé cívica, para sustentar o lado de outros municípios que como o nosso se acham empenhados no movimento revolucionário constitucionalista, a palavra do Rio Grande. Duas de nossas forças marcham para invadir Carazinho e Passo Fundo. Viva Borges de Medeiros! Viva Raul Pilha! Viva a Revolução Constitucionalista! Soledade, 1º de setembro de 1932!

Candoca sabendo que o Governo Estadual estava enviando forças de todos os lados para reprimir o movimento resolveu afastar seu levante da rede municipal. Isto é, encaminha o grupo para o interior, em zonas de morros e planaltos, a fim de poupar as famílias de Soledade do violento combate. Saindo de Soledade partem para o distrito de Barros Cassal onde já também havia alguns voluntários chefiados por João dos Santos Almeida. Sobre este acontecimento temos, o entrevistado B (2001, p. 1) destaca:

Então acontece o seguinte, a revolução foi deflagrada e como não puderam tomar Passo Fundo e em Cruz Alta, eles resolveram não se entregar e por isso vieram nessa região que era mais abandonada, com terreno mais dobrado mais mato. Mais ou menos fizemos uma comparação com o que aconteceu em Cuba entre Ernesto Cheguevara e Fidel Castro, eles foram pra essas zonas mais dobradas né, os exércitos vinham por cima e eles tavam nas bases em baixo e enxergavam o movimento.

Um comunicado do general Candoca ao interventor Flores da Cunha contido na obra de Jorge de Paula “O Combate do Fão” (1933, p. 32-33) informa:

Soledade, 3 de setembro de 1932. General interventor, Porto Alegre. Por emissário aqui chegado fui informado de que meu partido está contra a ditadura. Não acreditei por que o Dr. Adalberto e V. Exa. me disseram de viva voz que o meu eminente chefe Assis Brasil, estava com a ditadura, mas, instalado pelo povo e famílias, assumi o comando do movimento neste município. Fazendo minhas as palavras de V. Exa., que neste Estado ou se é de um partido ou não se é coisa nenhuma, fico com o meu partido e com o rio Grande. Hoje me defrontei com suas foras no Paço da Rocha, foram mortos oito homens. Estabeleci governo e prendi os que não estavam com o governo neste município. Estou a frente de 1500 homens e com armas ou sem elas, lutarei até meu assassinato com aqueles que vão acompanhar o Rio Grande no despenhadeiro em que se acha. Organizei o corpo de 400 homens com recursos que V. Exa. me forneceu, mas não recebi armas nem munições para traí-lo. O dinheiro é do povo, usemo-lo com igual direito. Sou dos maiores contribuintes do fisco municipal e estadual. Vejo em V. Exa. O Bento Gonçalves da atualidade, o general querido do Rio Grande. Nada temo, pode mandar contra mim todo o exercito, enfrenta-lo-ei de animo resoluto nas matas deste município, quando não possa lutar em campo, e estarei no ultimo reduto a ser batido. Não me queira mal, serei um seu amigo e soldado. Isso passa e nós ficamos. Candido Carneiro Junior, ex tenente-coronel, comandante do 33º Corpo Auxiliar.

Alguns corpos provisórios foram sendo formados com o intuito de combater as forças do governo, mesmo com pouco armamento julgaram-se capazes de enfrentá-los, sentindo-se prontos para lutar pelo Rio Grande do Sul. Além do grupo que estava com o intuito de ajudar São Paulo pela constitucionalização vinda do município de Soledade, Barros Cassal e Espumoso havia outro grupo que vinha do município de Lajeado para a localidade de Campo Branco, visando unir-se ao primeiro e ajudar no combate. Além disso, também houve um levante com pouco sucesso no município de Encantado.

No livro “Sonhos, persistência e coragem” (1999, p. 65) escrito pelo combatente João dos Santos Almeida temos a seguinte informação:

[...] ao meu acampamento no Rincão de Santo Antônio, com a incumbência de entrar em entendimento com o coronel Antenor Lemos, que estava acampado em Campo Branco, município de Lajeado, com 300 homens armados, que segundo constava, desejava fazer incorporação com a coluna.

Ainda sobre isto Leandro Lampert (2005, p. 64) destaca:

Os lajeadenses, entre eles meu pai, chegaram a participar de uma surtida de forças existente na divisa dos antigos municípios de Lajeado e Soledade, para atacar as forças da Brigada Militar na localidade próxima de Quatro Léguas. Perderam-se e não lograram encontrar seus companheiros nem os soldados legalistas. Decepcionados, retornaram para Campo Branco. As comunicações entre as tropas eram precaríssimas.

No Vale do Taquari encontramos registro de que Lajeado e Encantado estavam enviando pequenas tropas para apoiar a causa paulista. Gino Ferri em “Encantado, sua história, sua gente” (1985, p. 82) destaca:

No estado, alguns municípios manifestaram-se a favor de São Paulo, inclusive Encantado, onde o Prefeito Coronel José Rodrigues Sobral, reuniu os subprefeitos dos distritos, lideranças municipais e outras pessoas que, numa histórica reunião, decidiram apoiar a causa paulista, mesmo contra o parecer do coronel Sobral.

Conforme estudo de José Alfredo Schierholt na obra “Estrela: ontem e hoje” (2002, p. 203) aparece o informe:

A Revolução Constitucionalista não teve efeitos destruidores em Estrela. Diante de seu porto, apenas forças da brigada Militar passaram, para reprimir levantes na zona alta de Lajeado e Soledade, onde deu o Combate do Fão, na Barra do Dudulha, na noite chuvosa de 12 para 13-09-1932, com mortos e feridos.

Em um dos acampamentos do grupo de Candoca, próximo à Barros Cassal, em 8 de setembro de 1932, chegou um rapaz dizendo ser filho de um amigo de Candoca e gostaria de saber por onde eles iam passar para chegar até São Paulo. Na verdade o rapaz era filho do seu Pinto “o caçador dos revolucionários” e obtendo a informação que o grupo de Candoca iria passar pelo rio Fão os militares, representantes do governo, poderiam planejar o ataque.

Tratando do local por onde o Combate passou, o entrevistado B (2009, p. 8) enfatiza:

Não, não foi programado. Tanto é que não foi programado por que eles vieram por um lugar difícil, por fácil de combate as forças da brigada, as forças militares como em qualquer outro lugar. Uma porque eles não conheciam o terreno e o pessoal daqui já conhecia por lá. E daí quem levou eles lá, as forças do governo, foi um pinto ali, não sei se era o tio do José Pinto ou quem era.

Os revolucionários chegam a ter vários acampamentos, e no dia 12 estabeleceram-se junto às planícies entre o rio Fão e arroio Duduia, próximos de Arroio do Meio e Lajeado. Enquanto observavam e estudavam o terreno, o alto comando instalou-se numa casa de propriedade de Honorato Valêncio, mas os demais acamparam as margens do rio Fão.

Sobre o local que se instalaram, o entrevistado C (2009, p. 3) narra que “moravam bem ali perto da ponte [que tem hoje], morava o veio Norato Valêncio. [...] E foi baleado dentro da casa dele”. Relacionado a este evento outra entrevista (A 2010, p. 1) informa seguinte diálogo: “J – Mas essa casa do Honorato era aonde? A – Era bem onde tinha a casa do falecido Guilherme ali, agora não tem morador mais, bem na lomba pra lá um pouco”.

A tropa estava espalhada em todos os morros do local, quando um dos combatentes, Rosauro Tavares, que estava em cima do morro, avistou tropas se movimentando. Sobre isto Jorge de Paula (1933, p. 66, grifo do autor) informa:

No dia 12 de setembro se acamparam em torno do Rio Fão as tropas de Candoca. Ouviram-se os primeiros sinais de descarga. As 9 horas da noite ouvi descargas no acampamento, vieram a minha cama alguns rapazes, perguntando:

- Não ouviu descarga no acampamento?
- Não – respondi.
- Pois houve descargas lá.
- Isso não passa de um ou dois tiros que deram de bobagem ou nalgum *fantasma* que apareceu lá. Um ou dois tiros – principalmente a noite – nestas serranias, faz eco que parece descarga.
- Não...foi de 50 a 60 tiros, e parece rajada de metralhadora.

Em 13 de setembro, às margens do rio Fão, durante o alvorecer ouviu-se os primeiros tiros, marcando o início do combate. O combate com as tropas do governo durou em torno de seis horas até que o grupo de Candoca, esgotando munição, precisou retirar-se pelo mato atravessando o arroio Duduia.

Sérgio da Costa Franco em sua obra “Soledade na História” (1975, p. 56) informa que o grupo sem “[...]condições de resistir a uma força bem armada e municada, o General Candoca retirou seus homens, cruzando o Rio Duduia e internando-se nos matos”. Em relação a isto não sabemos ao certo o número de feridos, bem como os sepultamentos efetivados nas proximidades do rio Fão. Sobre

este episódio novamente utilizando-nos do estudo de Leandro Lampert (2005, p.65) temos a seguinte informação:

Cinco soldados revolucionários caíram no local e foram sepultados na pequena localidade de Barra do Dudulha onde jazem até hoje. No dia seguinte, nosso, pai, há dias desmobilizado, retornou ao local do combate, acompanhado do médico Dr. Renê Flores e do escrivão do distrito de Fão, Mário Cattoi, para atendimento dos feridos e sepultamentos dos mortos.

Sobre as mortes o entrevistado B (2009, p. 4) que “Aqui no local sim. E ali onde tu morra lá em cima na terra do Marquese morreu outro. São cinco”.

Ainda sobre isto Sérgio da Costa Franco (1975 p. 127) informa:

[...] às margens do Rio Fão, junto ao Passo da Barca, e próximo à embocadura do Rio Duduia, o grosso da força insurreta foi atacada por um esquadrão do Regime Presidencial (hoje 4º regime de polícia Montada), desenvolvendo-se renhido combate, que teve a duração de mais ou menos seis horas. Houve numerosas perdas de parte a parte. Do lado da Brigada Militar, conforme relato do Cel. Hélio Moro Mariante, pareceram os 2 tenentes João Candido Alves Filho e Orestes pereira Marçal, cabo Rivadária Cardoso dos Santos e soldados Frederico Brito da Silva e Nestor Osvaldo dos Santos. Foram feridos levemente o 2º tenente Carlos Leite Candiota, 1 sargento, 1 cabo e 5 soldados. Do lado dos insurgentes, conforme Jorge de Paula, houve 4 mortos e 8 feridos.

Posteriormente, em 5 de outubro de 1932, Dr. Félix Filho, emissário de Flores da Cunha estabeleceu a pacificação com Candoca no município de Guaporé. Algumas condições foram propostas tais como: devolvimento das armas, devolução de uma quantia em dinheiro para organização do corpo auxiliar e doação de parte de fazendas em Soledade de combatentes. Mesmo assim, Candoca foi preso pela subordinação e exilado no Rio de Janeiro.

Atualmente, a localidade de Barra do Duduia, município de Fontoura Xavier e também a planície onde se encontram os municípios de Pouso Novo e Progresso, cortado pelo rio Fão e arroio Duduia, compunham o cenário em que aconteceu o Combate do Fão, entretanto isto é ainda desconhecido por muitas pessoas que moram próximas a região. Existe um cemitério onde estão enterradas algumas pessoas que morreram no combate, entretanto não sabemos de que lado lutaram e também há duas lápides em homenagem aos considerados heróicos combatentes.

Esse capítulo tratou de antecedentes da Revolução Constitucionalista de 1932 bem como explicitou cada um deles, desde a Revolução de 1923 até chegar nos anos de 1932. Mencionamos também os estados que apoiaram a Revolução de 1932, entre eles o Rio Grande do Sul e vimos que, ele ficou dividido politicamente: uma ala apoiando a Revolução de 1932 e a outra continuou com seu apoio à Vargas.



3 O RIO GRANDE DO SUL NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre localidades do Rio Grande do Sul onde ocorreram episódios da Revolução Constitucionalista de 1932 em que rio-grandenses apoiaram os paulistas. Dentre as localidades apontamos: Caçapava do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Cerro Alegre, São Sepé, Encantado e Lajeado. Em relação ao município de Soledade, por estar diretamente ligado ao Combate do Fão, tema principal deste trabalho, vamos tratar no terceiro capítulo.

No final de 1931, diversos líderes gaúchos incluindo Borges de Medeiros, Raul Pilla e João Neves de Fontoura reuniram-se com o interventor do estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha e decidiram pressionar Getúlio para uma imediata reconstitucionalização do país. No ano seguinte, a Frente Única Gaúcha (FUG), formada pelos partidos Republicano e Libertador, queriam a constitucionalização do Brasil, mas não a deposição de Getúlio. Quando iniciou a Revolução Constitucionalista em São Paulo, no mês de julho de 1932, o Rio Grande do Sul em linhas gerais manteve-se apoiou Getúlio Vargas. Sobre isto Bolívar Lamounier em “Os grandes líderes: Getúlio” (1988, p. 50-51) destaca:

[...] após um dramático apelo de Vargas, o líder gaúcho lançou um manifesto em defesa do Governo Provisório e ordenou o imediato deslocamento da Brigada Militar para o front. Olegário Maciel (governador de Minas Gerais) também se colocou ao lado de Vargas, apesar da indecisão inicial em mobilizar as tropas estaduais contra os paulistas. Os demais interventores reafirmaram seu apoio ao governador federal. São Paulo, sem fronteiras com outros países e tendo o porto de Santos bloqueado pela Marinha, viu-se obrigado a lutar contra dezoito Estados da Federação.

Os partidários que compunham, a FUG eram tanto do Partido Republicano Rio-Grandense como do Partido Libertador. Dentre estes partidários, Borges de Medeiros e Raul Pilla, pressionaram Flores da Cunha para apoiar São Paulo na Revolução Constitucionalista e esperavam sua posição sobre isso. Flores da Cunha, porém decidiu ficar com o presidente getulista causando uma divisão na política rio-grandense. Mesmo com o apoio do interventor Flores da Cunha à Getúlio, o Rio Grande do Sul ficou dividido em dois grupos. Um deles contra o governo central e aliado a São Paulo, e o outro liderado pelo interventor Flores da Cunha, mantendo seu apoio a Vargas. Fabio Khün (2004, p. 125, grifo do autor) enfatiza:

Em 1932, eclodiu a chamada Revolução Constitucionalista, abrindo uma cisão na oligarquia gaúcha: uma facção da camada dominante (liderada por Borges de Medeiros) apoiava os paulistas, que exigiam a *reconstitucionalização* do País. O interventor Flores da Cunha, por sua vez, permaneceu ao lado do governo central, até a vitória definitiva de Vargas sobre as forças de oposição gaúcha e paulista.

Em março de 1932, gaúchos como, Maurício Cardoso, Ministro da Justiça; Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho; Batista Luzardo, chefe da Polícia do Distrito Federal; e João Neves de Fontoura, consultor jurídico do Banco do Brasil, pediram demissão de seus cargos no Governo Getúlio e voltaram ao Rio Grande do Sul para iniciar uma campanha revolucionária em apoio a São Paulo. O interventor do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, decidiu dar apoio à Vargas e negociar com o poder central. Sobre isto a revista “Revoluções Brasileiras: Revolução de 1932” (s. d. p.16) registra:

A atitude Flores da Cunha aos paulistas repercutiu mal entre muitos dos seus conterrâneos. Depois da revolução, alguns gaúchos notáveis – entre eles Lindolfo Collor, 1º Ministro do Trabalho do Brasil – produziram um manifesto acusando a traição de Flores da Cunha no qual declararam: “Foi na terra que tem lealdade por emblema e erige o cumprimento da palavra empenhada no mais elementar dos deveres de honra, foi no Rio Grande do Sul que o crime se consumou. O Rio Grande faltou à sua palavra.

Os que saíram dos cargos, conforme referido no parágrafo anterior, retornaram para o Rio Grande do Sul e, em agosto de 1932, saíram para o interior rio-grandense, visando mobilizar as pessoas ligadas aos partidos Republicano e Libertador para apoiar o estado de São Paulo na Revolução Constitucionalista. Em linhas gerais o estado de São Paulo ficou sozinho, porque Minas Gerais, Mato

Grosso do Sul e uma grande parte do Rio Grande do Sul oficialmente apoiaram o governo de Getúlio Vargas.

No Rio Grande do Sul, a 3ª Região Militar, em Porto Alegre, sob comando do General de Divisão Francisco Ramos de Andrade Neves, manteve-se em posição de defesa ao governo federal. Entretanto passou a enfrentar problemas por causa da insatisfação das lideranças políticas do estado, que se sentiram desprestigiadas por Getúlio Vargas. Nas medidas de mobilização, a região de Porto Alegre, autorizou ainda que se aceitasse que seus proprietários utilizassem de seus cavalos para prestar serviços imediatamente para fins militares, sem o caráter de requisição, dando-se apenas um recibo.

Uma ordem de serviço do comando da Região, a 2ª Divisão de Cavalaria, em Uruguaiana, determinou a organização de um esquadrão divisionário, a fim de ser enviado para a zona de operações em São Paulo. Com essa medida o 5º RCI (Regimento de Cavalaria Independente) recebe ordem para que enviasse ao QG (Quartel General) em Alegrete, um pelotão de cavalaria completo, inclusive com cavalaria e arreamento. O pelotão é enviado e por dez dias auxilia o serviço de policiamento daquela guarnição, tendo retornado a Uruguaiana no dia 28 de agosto de 1932. No mesmo dia 28, mediante determinação da 2ª Divisão de Uruguaiana, embarcou para Santa Maria o pelotão do 2º Tenente Comissionado Cecilio Pereira Goulart, com a finalidade de ser incorporado ao 14º RCI (Regimento de Cavalaria Independente) de Dom Pedrito, unidade escolhida para seguir à cidade de Faxina, no estado de São Paulo.

O interventor Flores da Cunha, apoiando o governo federal, e sabendo das manifestações e possíveis levantes tratou de organizar forças da Brigada Militar do estado no sentido de formar Batalhões Provisórios ou Corpos Auxiliares, com a finalidade de manter a ordem e reprimir possíveis focos de revoltosos. Estes focos, poderiam surgir no estado para apoiar São Paulo, visto que os principais chefes políticos do Rio Grande do Sul, como Borges de Medeiros e Raul Pilla, já se haviam manifestado a favor do movimento revolucionário paulista.

Sobre isto Gino Ferri (1998, p. 59) destaca:

Entre os Corpos Auxiliares da Brigada Militar, formados no Rio Grande do Sul, dois tiveram destacada atuação. O 3º Corpo Auxiliar denominado “PÉ NO CHÃO”, formado nos 6º e 8º distritos de Palmeiras das Missões, Guarita e Fortaleza, comandado pelo Tenente Coronel Serafim de Moura Assis, que combateu os focos revolucionários no Estado, seguindo após para São Paulo, onde participou ativamente nos combates travados contra as forças paulistas daquele Estado.

Também foram criados outros Corpos Auxiliares, como em São Francisco de Paula e nos municípios do alto da serra, como Espumoso, Ibirapuitã e Jacuizinho, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo, que teve atuação também em Encantado e Soledade. Mesmo assim, com os Corpos Provisórios nos municípios houve mobilização de grupos que apoiavam a causa paulista. Sobre isto Agostinho Toffoli Tavolaro na obra “A Revolução Constitucionalista e 1932: um exemplo para os jovens de hoje” (2004, p. 6) informa:

Que São Paulo não desejava separar-se do Brasil comprovam os fatos pois, durante os três meses que durou a revolução (de 9 de julho a 2 de outubro de 1932) lutas com o objetivo de apoiar a revolução houve no Rio Grande do Sul (Vacaria, Pelotas, São João, Caçapava, Rio Fão e Serro Alegre).

Vimos que no Rio Grande do Sul surgiu levantes armados em favor de São Paulo. Com isso concordamos com a ideia de Francisco Falcon “Domínios da história” (1997 p. 65) que [...] “poder é sempre poder do estado – instituições, aparelhos, dirigentes; os “acontecimentos” são sempre eventos políticos, pois são estes os temas nobres e dignos da atenção dos historiadores” [...]. Analisaremos os levantes armados que são acontecimentos políticos no Rio Grande do Sul, precisamente em alguns municípios que apoiaram a causa paulista, bem como os desdobramentos desses levantes, conforme o ANEXO A.

3.1 Caçapava do Sul

Caçapava do Sul, localizada próxima a Santa Maria, é a terra onde Borges de Medeiros nasceu. Os partidários Batista Luzardo e Borges de Medeiros, levantados em apoio ao movimento constitucionalista eclodido em São Paulo, saem a campo juntamente com civis de Caçapava. Próximo a Caçapava do Sul, em Reinho Machado, atacam 120 homens da Brigada Efetiva, e os dispersam capturando barracas, arquivos e alimentos. Sobre isto Hernâni Donato (2001, p.438) informa:

13/09/1932 Rezinho Macedo – RS. Revolução Constitucionalista. Batista Luzardo e Borges de Medeiros, levantados em apoio ao movimento constitucionalista eclodido em São Paulo, saem a campo com civis de Caçapava liderados por João Vargas, Martim Cavalcanti e Fábio Garcia, No total 210 cavaleiros. Em Rezinho Machado, vizinhanças de Caçapava, atacam 120 homens da Brigada Efetiva, e os dispersam capturando barracas, arquivos e alimentos.

Depois de violentos combates com tropas governamentais e posteriormente fracassos sofridos por Borges de Medeiros e Batista Luzardo, nas negociações realizadas em Santa Maria, os mesmos organizaram suas forças revolucionárias, na Estância de Francisco dos Reis Macedo, no Município de Caçapava do Sul. Organizada a coluna, a 18 de setembro, deixaram Caçapava, cruzaram pela balsa do Camaquã no Município de Pinheiro Machado e entraram em Piratini, pelo Passo Barbosa, também chamado de Passo Real do Arroio Grande (hoje Boici). Posteriormente acamparam na Estância da Maria Joana, de propriedade de Nicanor Barbosa.

A 20 de setembro de 1932, dando mais uma coincidência de data para o Município de Piratini em relação à Cerro Alegre, fere-se na aludida estância combate do Cerro Alegre, onde as forças de Borges de Medeiros são vencidas, e o mesmo é aprisionado com alguns companheiros.

3.2 Cerro Alegre

Em Cerro Alegre, município de Piratini temos conhecimento de outro combate com expressivo número de revolucionários contra as forças do governo. Liderados por Borges de Medeiros um batalhão de cerca 450 homens, tivera baixa significativa na Batalha de Cerro Alegre, município de Piratini, em vinte de setembro de 1932. Neste combate, foram mortos mais de duzentos homens das forças constitucionalistas e preso o líder Borges de Medeiros. Hernâni Donato (2001, p.535)

20/09/1932. Serro Alegre – RS. Revolução Constitucionalista. Combate terminou a expressão militar da Revolução no Rio Grande do Sul. 670 governistas (400 do 13º Corpo Auxiliar, de São Gabriel; 150 do 15º Corpo de Dom Pedrito, sob o Maj. Leopoldino Dutra; 120 do 1º Batalhão da Brigada Militar, sob o Cap. Figueiras) surpreenderam a força revolucionária

que churrasqueava na estância do Serro Alegre. Os constitucionalistas eram comandados Cap. Martim Cavalcanti diante da estância, pelo Cel. Armando Borges, pelo Cel. Corialano de castro, na mangueira da pedra. Várias horas de fogo resultaram em 23 governistas mortos e 39 feridos e em três revoltosos mortos e seis feridos, além de 45 prisioneiros, entre os quais os Estado maior constitucionalista. Um deles, Borges de Medeiros.

Percebemos que este levante em Cerro Alegre, comandados por Martim Cavalcanti também fora reprimido pelas forças governamentais. Isto representou o fim da Revolução Constitucionalista no Rio Grande, principalmente em decorrência da prisão do líder Republicano Borges de Medeiros.

3.3 Lagoa Vermelha

Em Lagoa Vermelha, localizada no planalto serrano do nordeste do Rio Grande do Sul, precisamente entre os municípios de Vacaria e Passo Fundo aconteceu outro levante. Este em apoio a São Paulo foi comandado pelo Coronel Gustavo Berthier que tomara a prefeitura e organizara um novo governo municipal. O comandante Berthier enviou cartas a diversas pessoas de Lagoa Vermelha informando que tomou a prefeitura. Sobre isto Valdemar Cirilo Verdi em “Soledade das Sesmaria dos Monges Barbudos das pedras preciosas” (1987, p. 85-86) destaca a carta:

Lagoa Vermelha, 21 de julho de 1932. Amigo Tte. Olívio Muliterno, fazenda do Ligeiro. É portador desta o capitão Dr. Armando Prates de Castilhos, que leva instruções minhas sobre o modo que vocês devem proceder aí. A Revolução está triunfante. Aqui na Lagoa já tomamos conta da prefeitura e de mais repartições públicas. O R. Prefeito retirou-se ontem. Peço dispersar ao Dr. Prates de Castilhos todo o auxílio que por ventura necessitar. Sem mais recados e abraços do amigo certo. Gustavo Berthier, tida. P.S. Assumi, hoje, o comando da praça aqui.

Depois de tomar a prefeitura de Lagoa Vermelha, segundo Gino Ferri (1998) : [...] as forças militantes legais ao governo do estado, provenientes de Passo Fundo abafaram o movimento, sem lutas, pois os revoltosos entregaram-se diante da superioridade das forças legais[...].

Este levante então, não teve muito sucesso pois após tomar conta da cidade foi reprimido pelas forças militares do exército vindas de Passo Fundo abafando o movimento e posteriormente levando presos os revoltosos.

3.4 Encantado

No Vale do Taquari, o município de Encantado em setembro de 1932, também deu apoio à Revolução Constitucionalista. O prefeito deste município na época era o Coronel José Rodrigues Sobral que convocou uma reunião de encantadenses para decidir o que seria feito, se iriam ou não apoiar a causa paulista. Reuniram-se os subprefeitos dos distritos de Encantado, os conselheiros nomeados, políticos, as forças vivas do município e várias outras pessoas que estavam presentes. Segundo Gino Ferri (1998, p. 64) temos:

A histórica reunião, realizou-se no Salão Nobre da prefeitura Municipal de Encantado, localizada na rua Dr. Júlio de Castilhos, em frente do atual prédio da casa de Cultura Dr. Pedro José Lahude. No início, o Coronel Sobral fez um amplo relato dos acontecimentos, tanto no Estado como no país, especialmente em São Paulo, deixando então a palavra à disposição dos presentes. Vários oradores se manifestaram. Uns contra e outros a favor, do que resultou em um acirrado debate, com nítidas tendências da participação nos acontecimentos, em apoio ao movimento revolucionário paulista.

O Coronel Sobral se opunha que Encantado apoiasse o estado de São Paulo, pois se tomassem atitude contrária ao governo do estado provocaria uma revolta em Encantado. Mesmo assim, a maioria dos presentes na reunião optou em apoiar a causa paulista e a reivindicar uma nova Constituição Federal. Somado a isto temos os chefes políticos rio-grandenses, como Borges de Medeiros, Raul Pilla e João Neves de Fontoura, que receberam apoio da população encantadense.

Diante desta situação o governo do estado do Rio Grande do Sul posicionou-se no sentido, de interromper qualquer força revolucionária. Tratando-se de Encantado Gino Ferri (1998, p. 65) ressalta que “[...] foi enviada uma força policial, composta por um Corpo Auxiliar da Brigada Militar, oriundo de São Francisco de Paula e de outras vilas de cima da serra, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo [...]”.

O mesmo Coronel desceu a serra para chegar à Encantado, na margem esquerda do rio Taquari, até a localidade e Marquês do Herval, hoje município de Roca Sales. Já na descida do morro do Picão, próximo a Marquês do Herval, o Coronel Severo através de seu binóculos procurava qualquer pista de inimigos. Gino Ferri (1998, p. 66) destaca:

Os boatos eram o mais desencontrados. Ouvia-se, inclusive, que poderia haver resistência à invasão da vila e que sobre telhados da prefeitura e de outros prédios, estariam assentadas várias metralhadoras, para defesa da Vila, ante a eminente invasão pelas forças legais do governo do estado.

No dia 19 de setembro, o General Flores da Cunha nomeou para cargo de Subprefeito de Encantado o Coronel Martim Leonardo. Este ainda deveria exercer as funções de delegado da polícia no lugar de Sebastião Rosa da Silveira que foi chamado para Porto Alegre, devendo apresentar-se no Comando Geral da Brigada Militar.

Na cidade de Encantado o prefeito apoiador dos revolucionários com medo das tropas do governo rio-grandense, entre 04 a 20/09/1932 passou o cargo a Dionísio Peretti, secretário municipal, e refugiou-se na Linha Garibaldi, cinco quilômetros da cidade. Com a invasão das tropas do governo em 20/09/1932, o juiz de paz, João Francisco de Pinedo, solicitou para ficar na prefeitura durante a noite prevenindo qualquer dano ou invasão a ajuda do amigo Luiz Ferri (prefeito provisório), Dionizio Peretti e do Tenente Sebastião Rosa da Silveira.

No dia 20 de setembro, frente aos episódios, o prefeito em exercício Dionizio Peretti e o médico Humberto Brucci foram até Marquês de Pombal conversar com o Comandante do Corpo Auxiliar. O Coronel Armando Ribeiro Severo e afirmaram não

haver nenhuma resistência armada em Encantado. A par destas informações as forças do Corpo do Auxiliar invadiram a vila de Encantado, tomando conta da prefeitura municipal.

As ruas estavam desertas, pois a população temendo as forças do Corpo Auxiliar da Brigada Militar, mantiveram-se em suas casas ou refugiaram-se em matos próximos. Gino Ferri (1998, p. 68) informa que “[...] às nove horas do dia 21 de setembro, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal, o Subprefeito do 1º Distrito e Delegado de polícia Coronel Martim Leonardo assumia, o cargo de Prefeito Municipal de Encantado. [...]”.

O ex-prefeito, Coronel José Rodrigues Sobral, tomando conhecimento regressou da Linha Garibaldi para a vila e encontrou na prefeitura as forças legais. Refugiando-se para o interior do distrito de Roca Sales, na localidade denominada Arroio Augusto, e hospedou-se na casa de um agricultor que ficava em frente a vila de Encantado. Sobre isto Gino Ferri (1998, p. 72) destaca:

O Coronel José Rodrigues Sobral refugiou-se então, no interior do município de Roca Sales, na localidade de Arroio Augusto, hospedando-se na casa de um agricultor, morador em frente à vila de Encantado, de onde de binóculos, podia visualizar qualquer movimento de maior vulto que ocorresse na vila.

A tropa do Corpo Auxiliar Militar que estava em Encantado, sob o comando do Coronel Armando Ribeiro Severo, seguiu para Soledade e lá encontrou a cidade apaziguada, pois o grupo do General Candoca foi vencido pela Brigada Militar do estado no dia 13 de setembro. As tropas do General Severo retornaram então para Encantado, chegando dia 17 de outubro encontrando as pessoas e a cidade em clima de medo.

No combate do Fão, em setembro de 1932, participou um encantadense em apoio a causa constitucionalista, Reinoldo Azevedo, conhecido como Reinoldo Fumaça, que como as forças do General Candoca teve que fugir, regressou mais tarde para Encantado.

Poucos dias depois as forças do Corpo Auxiliar Militar seguiram para São Francisco de Paula, onde foram dissolvidas, permanecendo alguns componentes de

Encantado, dentre eles o comandante Severo. As pessoas que compunham o Corpo Auxiliar da Brigada Militar eram apelidados de Bombachudos ou ainda de Provisórios, por usarem bombachas.

3.5 Lajeado

Outro município do Vale do Taquari, que se colocou do lado da Revolução Constitucionalista em 1932, foi Lajeado. Nesta época o prefeito nomeado para Lajeado era Manuel Ribeiro Pontes Filho, que dentre suas obras temos a ponte sobre o rio Forqueta. Razões para isto é porque o governo do estado não atendia as reivindicações de auxílio para o município e as promessas feitas por Getúlio também não estavam sendo cumpridas, gerando descontentamento para a população lajeadense e o afastamento do prefeito Manuel Pontes Filho. Sobre isto José Alfredo Schierholt na obra “Lajeado I” (1992, p. 150) destaca:

Não são conhecidas as razões do afastamento de Pontes Filho da prefeitura de Lajeado. Há na história oral depoimentos relacionados à sua omissão quanto aos movimentos revolucionários. Ou não tomou conhecimento das manifestações da oposição em apoio aos constitucionalista ou não acreditou em sua evolução para vias de fato. Há boatos de desvio de armamentos na Prefeitura e sabia-se abertamente que numerosas pessoas estavam se preparando pra formar um agrupamento armado para ingressar nas forças sob comando do “general” Candoca.

Os revolucionários do município que apoiaram a Revolução Constitucionalista tinham pouca experiência na luta armada, sendo a maior parte trabalhadores do comércio e da indústria, ou partidários Republicanos e Liberais de Lajeado. Os lajeadenses, sem comando formal, seguiram para a localidade de Campo Branco, próximo a divisa dos municípios de Lajeado e Soledade, passando pela Vila Progresso (hoje Progresso é município), para se incorporar com a tropa do general Candoca, vinda de Soledade. Ainda José Alfredo Schierholt em “Lajeado, sua história, sua gente” (1974, p. 25) complementa:

Em Lajeado apareceu nesta época, foragido de Porto Alegre, Antenor Lemos, muito amigo de Orlando Fett. Era maragato de 1923, como a maioria dos novos antigetulistas. Antenor começou logo a procurar ligações políticas. Armas podia-se comprar em qualquer parte e as armas militares que estavam na Prefeitura Pontes Filho permitiu que fossem tiradas.

No Jornal informativo do Vale (13/09/1998, p. 15), revela o nome dos voluntários de Lajeado, os quais apoiaram a Revolução de 1932 (Veja o anexo B):

Adolfo Germano Hexsel, Afonso Schossler, Alberto Lange, Alberto Müller Sobrinho, Alfredo Einloft, Alfredo Grohmann, Alfredo Pedroso da Silva, Alfredo Vargas da Silva Castro, Alvino Simão Jardim, Anélio Miranda Lima, Alberto Antônio Pereira, Antenor Lemos, Antônio Alves Moraes, Antônio Fernandes da Silva, Antônio Joaquim de Mello, Antônio Olívio da Fonseca, Antônio Toledo, Armindo Rockenbach, Armindo Roos, Arno Einloft, Artur Eugênio Hexsel, Benjamim José Rodrigues, Carlos Coelho, Carlos Pereira Camargo, Carlos Stein, Constante Galvão d'Almeida, Deocy Vianna de Lima, Deodino Nunes, Deolino Alves Dias, Edvino Leopoldo Schneider, Eymar Boher Ernesto Wiehe, Firmino dos Santos, Fredolino Lauermann, Francisco Antônio Pereira, Herberto von Hessel, Germano Cezar Mylius, Germano Satter, Guilherme Chiarelli, Heitor Alves de Oliveira (sargento do exército), Hugo Ruthner, Jacob Lopoldo Heineck, João Antônio Rodrigues Lopes, João Borges de Lima, João Borges Machado, João Graffe, João Maria de Jesus, João Maria Soares da Silva, João Pedro da Silva, João L. Calegari, José Francisco da Silva, José Joaquim da Silva, José Vicinichi Filho, Justiniano Pinheiro, Juvenal Claro de Moraes, Juvêncio Lopes d'Oliveira, Leandro Appelt, Leopoldo Lenz, Licínio Firmino Oliveira, Lothar Felipe Christ, Manoel Domingues de Moraes, Marçal Displam, Marcírio Maciel, Mário Freitas, Mário Goulart Filho, Mário Jaeger, Mário Lampert, Mário Sheibe, Martim Bernardo dos Santos (Martim Perigos), Miguel Santana (Dr.), Miguel Soares da Silva, Natalício Alves Valêncio, Noé Nunes, Olmiro Pires da Silva, Orlando Fett, Otaviano Silva, Otto Pedro Rohenkohl, Pedro Mendonça da Silva, Reinoldo Alberto Hexsel, Rodolfo José Ignácio, Romelino Antônio de Farias, Romeu Scheibe, Salvador Rosa d'Oliveira, Teodoro Estal, Teodoro Bernardo dos Santos, Valdemar Luciano da Silva, Werner Fritz.

Os voluntários de Lajeado tinham consigo um fotógrafo que registrou um dos episódios. Nesta fotografia aparecem cerca de cem civis trajando roupas, em parte, fornecidas pela brigada. Uma fotografia registra este fato, conforme o ANEXO C. Através dela podemos perceber que, foram em grande número de pessoas e estavam acompanhadas de armamentos.

Ao retornar para Lajeado, o fotógrafo foi preso pela brigada e forçado a revelar o filme, possibilitando a identificação dos revolucionários. Tentaram encontrar-se com as tropas de Candoca, na localidade de Quatro Léguas, para atacar as tropas governamentais. Sobre isto Leandro Lampert na obra “Os Lampert: Origens, História e Genealogia” (2005 p. 64) destaca:

Os lajeadenses, entre eles o nosso pai, [Mario Lampert] chegaram a participar de uma surtida de forças que visava encontrar destacamento vindo de Soledade, para atacar as forças da Brigada Militar na localidade de

Quatro Léguas. Perderam-se e não lograram encontrar seus companheiros nem os soldados legalistas. Decepcionados, retornaram para Campo Branco. As comunicações entre as tropas eram precaríssimas.

Sem uma comunicação entre as tropas, os voluntários de Lajeado voltaram para Lajeado e ficaram sabendo sobre a derrota do Combate do Fão, precisamente também sobre a derrota de São Paulo. Ainda Leandro Lampert (2005, p. 66) destaca:

Mário Lampert e seus companheiros, desmobilizado na véspera, ao chegar em Lajeado e, informado das ocorrências, voltou no dia seguinte ao local do combate e juntamente com o escrivão de registro civil do distrito de Fão, Mário Cattoi, levando o médico Dr. Renê Flores e suprimentos para atender aos feridos e sepultar os partidários mortos.

Dominada a revolta, Getúlio Vargas e o interventor no Rio Grande do Sul, Flores da Cunha substituíram os prefeitos e nomeiam os que tivessem maior identificação e apoio ao seu governo estadual e federal. Para Lajeado assume o novo prefeito Oscar da Costa Karnal.

3.6 Pelotas

Em Pelotas, no sudeste rio-grandense, também encontramos um pequeno levante em favor de São Paulo. A situação não durou muitos dias, pois as forças governamentais agiram de forma precisa. Hernâni Donato (2001, p.438) destaca:

04/09/1932 Pelotas – RS. Revolução Constitucionalista. Grupo rio-grandense solidário com os constitucionalistas de São Paulo, seguindo a convocação às armas da Frente Única, sai a campo sob chefia do Cel. Marcial Terra. Choca-se e obtém vantagem sobre destacamento governamental.

Este pequeno levante não teve futuro, pois logo foi reprimido pelas forças governamentais.

3.7 São João

A localidade São João em 1932 era um povoado de São Sepé, onde a Revolução Constitucionalista deu-se desde o mês de agosto até o mesmo de setembro com o comando de Batista Luzardo. A resistência foi maior, porém as forças do governo venceram os apoiadores da causa paulista. Sobre isto Hernâni Donato (2001, p. 516) informa:

22/08/1932. São João – RS. Revolução Constitucionalista. Povoado no município de São Sepé. O grupo gaúcho levantando em armas nas mãos pela causa paulista, sob chefia de Batista Luzardo, foi acometido por destacamento governista. Baixas de ambos os lados, sendo de três entre os levantados, que se dispersavam para posterior reagrupamento. Tragicamente, os três mortos eram irmãos naturais de Santa Maria: Horácio, Carlos e Esmeraldino da Rosa.

Um mês depois também encontramos ocorrência em São João, conforme Hernâni Donato (2001, p. 156) aponta:

10/09/1932 São João – RS. Revolução Constitucionalista. Entre São Gabriel e Santa Maria. Aproximadamente 80 revolucionários gaúchos de São Sepé, Santa Maria e Cachoeira, em marcha para junção com a coluna principal da constituição depois de pequenos combates em Ilo Bica e Passo das Carretas, foram atacados por 140 governistas a mando do Cap. Abelardo Rubim. Luta terminada ao anoitecer, ficando os revoltosos em poder dos cavalos, armas e cinco prisioneiros. Mortos seis revolucionários e três dos legalistas. Feriado municipal, o cap. Rubim.

Mesmo com dois levantes armados em São João e vários choques entre as forças de Batista Luzardo e forças do governo, percebemos que as forças estavam dispostas a lutar pela causa paulista. Porém, os levantes foram dispostos pelas forças militares do governo que eram maiores em número e armamentos.

3.8 São Sepé

No município de São Sepé, entre Santa Maria e Caçapava do Sul, Marçal Terra organizou uma força revoltosa com 300 homens que foi sitiado e abatido em Santiago. Em 20 de setembro de 1932, o quarto sub-distrito foi palco de mais um movimento revolucionário, com o combate da Estância da Olaria, ocorrido entre as forças revolucionárias comandadas por Borges de Medeiros e Batista Luzardo e as forças legais, sob o comando do Coronel Adel Bento Pereira.

As tropas de Borges de Medeiros foram perseguidas desde Santa Maria, refugiando até São Sepé. Gino Ferri (1998, p. 61) enfatiza:

Já em 20 de setembro com 204 homens, sob seu comando, travou combate com as forças legais, compostas por 600 homens sob o comando do Coronel Adel Bento Perreira, ocasião em que Borges de Medeiros foi vencido e preso em Cerro Alegre, no município de Piratini, sendo suas forças dispersadas.

Após este conflito, vimos que o levante vindo de Santa Maria, passou por São Sepé e comandado por Borges de Medeiros e Batista Luzardo foi derrotado pela força do Coronel Adel Bento Perreira.

3.9 Vacaria

Em Vacaria, nordeste do estado, houve uma força comandada por Batista Luzardo e Otacílio Fernandes preparada para invadir a vila de Lagoa Vermelha afim de se juntar com a tropa do Coronel Gustavo, estes porém retornaram para depor as armas. Hernâni Donato em “Dicionário das Batalhas Brasileiras” (2001, p. 562)) informa “[...] em 21/07/1932 em Vacaria houve um pequeno choque de forças do governo contra grupo de constitucionalistas em armas. Vitória dos situacionistas [...]”.

Após os combates que aconteceram no Rio Grande do Sul, com a derrota das forças revoltosas que eram favoráveis à revolução paulista, a Brigada Militar, sob o comando do General Valdomiro Lima e juntamente com o 3º Copro Auxiliar, comandado pelo Tenente-Coronel Serafim de Moura Assis, seguiram para São Paulo, a fim de combater as forças revoltosas que lá haviam deflagrado. Sobre isto Gino Ferri (1998, p. 62) destaca que as “[...] forças legais do Rio Grande do Sul travaram violentos combates em São Paulo, destacando-se os de Itararé, Buri, Apiai-Mirim, Paranapanema, Almas e Fundão [...]”.

Após tratarmos o porque o Rio Grande do Sul apoiou o estado de São Paulo e os lugares do estado que ocorreram as manifestações, concluímos que, todos os levantes foram reprimidos pelas forças militares do interventor do estado, Flores da Cunha que ficaram do lado do governo federal.

4 UM EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA NO RIO GRANDE DO SUL: O COMBATE DO FÃO

Este capítulo abordará o tema principal do trabalho, o Combate do Fã, ocorrido nos territórios entre os municípios de Soledade e Lajeado. Este levante armado surgiu para apoiar a causa e a Revolução Constitucionalista paulista, deflagrada em julho de 1932. Veremos como o Combate surgiu e teve seu final nas margens do rio Fã, por isso passou a receber esta nomenclatura.

Como estamos tratando de um evento regional mas que relaciona-se ao contexto nacional brasileiro nos apoiamos, do ponto de vista teórico metodológico na micro-história. Jacques Revel no estudo “Microanálise e construção do social” (1988, p. 20) chama a atenção para o seguinte:

A abordagem micro-histórica é profundamente diferente em suas intenções, assim como em seus procedimentos. Ela afirma em princípios que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos.

Em ocasião da Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo, o Rio Grande do Sul manteve uma parte do estado em apoio à São Paulo e a outra com o interventor Flores da Cunha, que apoiava o presidente Getúlio Vargas, como vimos no capítulo dois. Também podemos salientar que, dentre os políticos insatisfeitos deixou o cargo no ministério do governo de Getúlio, insatisfeito com seu governo, foi Maurício Cardoso, em decorrência do empastelamento do Diário Carioca. Maurício Cardoso nasceu em Soledade, em 9 de agosto de 1888, o qual mais tarde vai fazer parte da Frente Única Gaúcha em 1932.

Algumas pessoas do município de Soledade, que eram parentes de Maurício Cardoso, contribuíram para alguns soledadenses passarem à apoiar a Revolução Constitucionalista. Para entendermos esta situação, Falcon (1997 p. 66, grifo do autor) destaca:

A própria história política vê-se então enriquecida pela inclusão de questões que, além de políticas, são também, ou antes de mais nada, sociais e ideológicas: lutas e movimentos sociais, com destaque para as revoluções e a *revolução*.

Vimos que, a Revolução também tem lutas por ideais ou sociais. No caso dos soledadenses podemos dizer que a participação também foi social, pois apoiaram Maurício Cardoso, que também era a favor a causa paulista. Sobre este apoio de Soledadense a Maurício Cardoso, Nicacio João Maria de Lima em “1875 – Judiciário – 2005: família forense e um pouco da história de Soledade” (2008, p. 329) informa:

Essa posição de amargura e desânimo diante da não-constitucionalização do país, passava por Mauricio Cardoso aos parentes (Urbano Benigno dos Santos, o chefe em Soledade; Ivo Tomasi; Dr. Rosauro da Silva Tavares; Honorato Rodrigues de Almeida, etc.), demais correligionários e – principalmente – conterrâneos de Soledade, tão logo retornou ao estado e assumiu as rédeas do PRR, é apontada por alguns dos descendentes dos Combatentes do Fão, como causa determinante da revolta em Soledade.

Podemos ver que a atitude de Maurício Cardoso irá influenciar no ideário dos seus amigos e parentes de Soledade, apoiando a Revolução de São Paulo. O interventor do estado, Flores da Cunha, sabendo de possíveis levantes para apoiar o estado de São Paulo, colocou corpos provisórios em todos os municípios do Rio Grande do Sul.

4.1 A movimentação em Soledade

Em Soledade, o prefeito era o tenente-Coronel João Carmeliano de Miranda, que esteve no cargo de 12 de agosto de 1932 à 17 de janeiro de 1933. Na cidade, foram criados dois corpos provisórios, o 44^o com o comando de Coronel Pedro Correa Garcez, do partido Republicano Rio-Grandense e o 33^o que era comandado por Coronel Cândido Carneiro Junior, do partido Libertador, mais conhecido como Candoca. Em Soledade, com a criação dos Corpos Auxiliares, não se tinha uma

posição definida sobre a Revolução Constitucionalista em São Paulo. Sobre isto, Jorge de Paula na obra “O Combate do Fã” (1933, p. 13) destaca:

Os arautos de ditadura afirmavam, que São Paulo fizera revolução separatista e visava para si, sistema de governo incompatível com as aspirações dos filhos do extremo sul brasileiro. Soledade teve um instante de dúvidas e aguardava a palavra dos chefes, que tanto lhe tardava.

O comando do Partido Libertador de Soledade, como vimos era liderado pelo General Candoca e demais partidários de Soledade. Em final de agosto de 1932, ele e seu amigo Alberto Correa foram até Porto Alegre para saber de que lado seguiriam: apoiariam os paulistas ou ficariam do lado de Flores da Cunha. Chegando em Porto Alegre não encontraram Borges de Medeiros e Raul Pilla, os quais estavam ausentes da cidade. Lá também ficou sabendo que, o interventor Flores da Cunha estava com Getúlio, e decidiu então, que ficaria ao lado de Flores da Cunha, organizando em Soledade um Corpo Militar Auxiliar, recebendo então dinheiro para ajudar na formação do Corpo.

Candoca voltou para Soledade e organizou o Corpo Auxiliar, convidando pessoas partidárias e demais interessados do município para fazer parte do referido Corpo Auxiliar. Para isto, o irmão do general Candoca, Pedro Carneiro, ficou sob o comando da organização, pois ele havia viajado para a cidade de Encantado. No comando, Pedro Carneiro, ajudou na causa indo para o interior procurando adeptos para o Corpo Auxiliar, falando para as pessoas o propósito de incorporarem no Corpo. Sobre isto Jorge de Paula (1933, p. 15) informa:

Em Porto Alegre não pude ouvir nenhum frentista que me pudesse esclarecer bem a respeito da Revolução de São Paulo. Tenho em vista reunir nossos correligionários e ir esperando pelo desenrolar dos acontecimentos. O General Flores não quis me fornecer armamentos aqui nem em Passo Fundo, declarando só fazê-lo em Ponta Grossa e me marcou dia certo para marchar daqui. O que te posso assegurar é que estou com meu Partido e com a honra do Rio Grande, perante S. Paulo e Nação. Si São Paulo pretende, como dizem, fazer revolução separatista e adotar sistema de governo incompatível com as aspirações de nosso estado natal, os Drs. Borges, Pilla, Lusardo e outros, sabem e só onde eles forem iremos nós.

Formado o Corpo Auxiliar com muitos participantes, Candoca recebeu de um emissário da direção central da Frente Única Gaúcha a afirmação de que eles estariam com o estado de São Paulo e, conseqüentemente apoiando a Revolução

Constitucionalista. Neste sentido percebe-se que as relações de poder reorganizam-se como muito bem destaca Michel Foucault em “Microfísica do Poder” (1979 p. 12):

O importante, creio, é que a verdade não existe força do poder ou sem poder. [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados no poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros.

Na noite de 31 de agosto de 1932, as lideranças da cidade de Soledade se reuniram na casa do Coronel Urbano Benigno dos Santos e decidiram dar apoio à Revolução Constitucionalista, organizando um levante na cidade e ficando a partir deste dia, contra Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Também foi decidido no momento, a organização do levante em apoio a São Paulo: Cândido Carneiro Júnior, como General Comandante das Forças Revolucionárias de Soledade (Veja anexo D); Coronel Urbano Benigno dos Santos, como Prefeito Municipal e Chefe Civil da Revolução; Coronel Caio Graccho Serrano, Chefe do Estado Maior, e Coronel Hercules Bocardi, como Comandante da Praça.

No dia seguinte assaltaram o 44º Corpo Auxiliar que estava sob o comando do Coronel Pedro Corrêa Garcez, retirando todos os armamentos, munições e ainda levaram presos os oficiais deste Corpo. Na tarde do mesmo dia retornou o General Candoca da cidade de Encantado. Ainda sobre a prisão de integrantes do outro Corpo Auxiliar, Carvalho e Zimmermann (s/d. p.25) na obra “Memorial de 32: Diário de um Revolucionário” enfatiza:

Dia 1º regressou para a vila toda a força aqui disponível, sob o comando do major Pedro Carneiro. Perto de sua fazenda, eu segui para o acampamento, com ordem do major, para mandar preparar “boia” para uns 150 homens. Em caminho encontrei-me com uma força com perto de 42 homens, comandada pelo cap. Juca Portela e ten. Gumercindo Ferreira. Encontrei no acampamento, tendo chegado na véspera, o cap. Edmundo Schmitt e cap. Marqueti, que tinha trazido mais gente. Dia 2, chegada do Tte. Cel. Jorge de Paula, com a notícia de que tinham prendido na vila as forças floristas e seus principais chefes.

Em 1º de setembro de 1932, os revolucionários que compunham a tropa chefiada por Candoca assinam um manifesto de honra ao Rio Grande do Sul e partem rumo a São Paulo. Sobre isto Jorge de Paula em “O Combate do Fão” (1933, p. 21-22) informa:

A terra heróica de Soledade, atendendo à voz dos Partidos Republicano e Libertador e honrando suas tradições, levanta-se hoje de armas na mão pela restauração da ordem do regime legal no Brasil. Estamos com uma brigada de um efetivo superior de mil e quinhentos homens armados, cheios de ardor e fé cívica, para sustentar o lado de outros municípios que como o nosso se acham empenhados no movimento revolucionário constitucionalista, a palavra do Rio Grande. Os compromissos assumidos pelos chefes eminentes Borges de Medeiros e Raul Pilla, que representam a totalidade da população riograndense, é que nos levam a lutar ao lado do heroico povo de São Paulo, nesta memorável jornada cívica contra uma ditadura funesta e nefasta aos destinos da nacionalidade! Duas de nossas forças marcham para invadir Carazinho e Passo Fundo. Viva Borges de Medeiros! Viva Raul Pilla! Viva a Revolução Constitucionalista! Soledade, 1º de setembro de 1932!

O manifesto assinado em Soledade na data de 1º de setembro, levou para o Combate do Fãõ partidários da cidade de Soledade e de cidades vizinhas, pertencentes ao partido Republicano Rio-Grandense e Libertador, entretanto muitas pessoas não sabiam certo o que estava acontecendo. Jorge de Paula (1933, p. 22-24) trás o nome dos participantes que assinaram o manifesto:

Candido Carneiro Júnior, Sebastião Scheeleinger Júnior, Kurt Spalding, Abelardo de Almeida ampos Caio Graccho Serrano, Clóvis Libero Cardoso, Hercules Boccardi, Antonio Pereira de Almeida, Pantaleão Ferreira Prestes, Manoel da Silva Corralo, Sebastião J. Da Rosa, Olavo Almeida Campos, Olmiro Ferreira Porto, Mário Ortiz, Abílio Tatim, Ivo Tomazi, João Ferreira Dias, Emílio Jacob, Candítio Borges, Thimótio Loureiro, Guilherme de Vasconcellos, Pedro Guilherme Simon, Dario Carneiro, Cesário dos Santos, Sebastião Freitas Borges, Hermenegildo Rossin, Alfredo Dias, Urbano Benigno dos Santos, Armando de Souza Kantera, Henrique Boher Sobrinho, Pedro Carneiro, Rosauo Tavares, Álvaro Rodrigues Leitão, Ugo Barroso, Virgílio José Lahdin, Nicanor de Almeida, Pedro Bambini, José Miguel Dipp, Francisco Pereira dos Santos, Cassio Bruto Cardoso, Ludovico Thomasi, Ugo Thomasi, Uderico Franklin da Silva, Osvaldo Vieira, Rodolfo Tatim, Oralino Bibiano Ribeiro, Justino Soares, Ignácio Dihel, José Portella de Andrade, José Antunes de Almeida, Antonio Reveliau, Honarato R. De Almeida, Alípio Fernandes Baptista, Deodoro Graccho Serrano.

Logo após a assinatura do manifesto o General Candoca enviou um comunicado ao interventor Flores da Cunha, explicando as razões que o levaram a apoiar a causa paulista. Sobre este comunicado, Jorge de Paula (1933, p. 32-33) informa:

Soledade, 3 de setembro de 1932. General interventor, Porto Alegre. Por emissário aqui chegado fui informado de que meu partido está contra a ditadura. Não acreditei por que o Dr. Adalberto e V. Exa. me disseram de viva voz que o meu eminente chefe Assis Brasil, estava com a ditadura, mas, instalado pelo povo e famílias, assumi o comando do movimento neste município. Fazendo minhas as palavras de V. Exa., que neste Estado ou se é de um partido ou não se é coisa nenhuma, fico com o meu partido e com

o rio Grande. Hoje me defrontei com suas foras no Paço da Rocha, foram mortos oito homens. Estabeleci governo e prendi os que não estavam com o governo neste município. Estou a frente de 1500 homens e com armas ou sem elas, lutarei até meu assassinato com aqueles que vão acompanhar o Rio Grande no despenhadeiro em que se acha. Organizei o corpo de 400 homens com recursos que V. Exa. me forneceu, mas não recebi armas nem munições para traí-lo. O dinheiro é do povo, usemo-lo com igual direito. Sou dos maiores contribuintes do fisco municipal e estadual. Vejo em V. Exa. O Bento Gonçalves da atualidade, o general querido do Rio Grande. Nada temo, pode mandar contra mim todo o exercito, enfrenta-lo-ei de animo resoluto nas matas deste município, quando não possa lutar em campo, e estarei no ultimo reduto a ser batido. Não me queira mal, serei um seu amigo e soldado. Isso passa e nós ficamos. Candido Carneiro Junior, ex tenente-coronel, comandante do 33º Corpo Auxiliar.

É importante salientar que na realização deste trabalho recorremos à história oral que foi de extrema importância tanto para obtenção de dados que estavam na memória de muitas pessoas, como para ampliarmos os conhecimentos sobre o Combate do Fão. Recorrendo a Loiva Felix em “História e memória: a problemática da pesquisa” (1998, p. 43) temos:

O registro histórico, por não ser afetivo, e sim, operação intelectual, permite (e exige) o distanciamento, a problematização, a crítica e a reflexão sobre as memórias. A memória, por seus laços afetivos e de pertencimento, é aberta, e em permanente evolução e liga-se à repetição e à tradição, sacralizando o vivido do grupo social.

Através da história oral e entrevistas é possível perceber que pessoas de várias classes sociais da época participaram da movimentação em apoio dos paulistas. Das muitas pessoas que assinaram o manifesto ocupavam cargos importantes da cidade de Soledade. Sobre isto o entrevistado B (2009, p. 8) destaca:

B - Clóvis Líbero Cardoso foi o 1º advogado formado e esse cara era delegado de ofício, não existia faculdade e respondia como advogado. Edson Bocardis esse aqui era de Espumoso. Antonio Perreira de Almeida de Soledade que era parente do seu João. Manoel da Silva Conrado, esse aqui os dois filhos dele mora em Passo Fundo. Omir Ferreira Ponte foi três vezes prefeito de Soledade, Amir Tatim aqueles ali de Fontoura, parente do médico de Soledade. Ivo Tomasi teve três da família, o pai e dois filhos que foram né, Emílio Jacobi, José Ferreira Dias, Cantilho Borges, Timóteo Moreira, Guilherme Vasconcelos, Pedro Guilherme da Silva, Dário Carneiro que era irmão do Candoca, Sebastião de Borges que é daqui de Barros Cassal, Alfredo Dias de Soledade, Armando Souza Campos advogado lá de Passo Fundo muito inteligente, Henrique de Mormaço, Pedro Carneiro irmão do Candoca que é pai de Isabela. Mauro Rodrigues que já foi prefeito, Ivo Barroso é de Soledade. Nicanor de Almeida era daqui também, Pedro Bambini é o pai do brigadeiro, José Miguel Dick tinha moinho em Soledade, Ludovico Tomasi, Hugo Tomasi, Osvaldo Vieira era dentista e foi prefeito, Rodolfo Tatim de Fntoura, Honorato de Almeida meu pai e Henrique Batista e Teodoro Serrano.

Além disso, também encontramos registros do comparecimento de outras classes sociais, como é o caso de negros (Veja o ANEXO E). O entrevistado B (2009, p. 3, grifo nosso) também destaca sobre isto:

B - Aqui então o seu João dos Santos Almeida e Juvelino Queirós, que é o seu Vino. [...] eu quero dizer que o Vino é descendente de *escravo*: Em 1985 a existência de grande número de *escravos* nessa região, como o documento a partilha entre bens dos *escravos* emergidos cada um avaliado em 100 mil réis, eles eram vendidos pelo trabalho de 3 anos a 10 meses. Já os *escravos* Emorosa Maria avaliados em 50 mil réis cada uma pelo serviço de três anos e 10 meses. Um burichó de qualidade especial. Na partilha o avô do seu Dononde, [que era o meu avô né, José de Almeida recebeu a herança do *escravo* Manuel e o Manuel era o pai do Vino né].

J – Há sim, que era esse combatente. Ele também ganhou o título? Quem nem esse?

B – Sim.

J – E essa medalha que ele tem no pescoço?

B – Essa medalha ele ganhava junto como o quadro.

Conforme o anexo e a entrevista podemos perceber que além do combatente João dos Santos Almeida, que era prefeito do 8º distrito de Soledade, seu Vino, que é negro participou do levante do Combate do Fão e recebeu homenagem. A este respeito, constatamos que, nem todas as pessoas que participavam assinavam o manifesto, portanto o nome não consta na lista, como por exemplo, é o caso de Vino.

4.2 Os armamentos para o levante

Com a comitiva de revolucionários e demais armamentos que foram incorporados ao levante iniciado em Soledade, não sabemos o número certo da quantidade de armas e munições que junto foram levadas. Algumas informações encontradas nos remetem sobre a quantidade de armas e munições, onde temos as seguintes informações através do entrevistado A (2010, p. 6):

J – É, os livros contam 1.300 armas.

A – Sim. E depois sei que fico muitos fuzil lá no rio onde tem uma lagoa lá no Fão, então deixaram 15 fuzil, atiraram na água. Daí o Emilio Honorato mergulhava e tiro tudo e escondeu. Denunciaram ele e perdeu tudo, teve que entregar tudo..

J – Sim. Tudo o que fico tiveram que entrega, que devolve pra policia. Porque eram armas que não pertenciam pra eles.

A – Sim, ele foi preso e apanho. Meu tio, chamava-se Pedro, irmão do meu pai, meio loco da cabeça. O cunhado dele chamado de Damascente, tinha um paiolzinho de milho em cima da lomba daqueles perau, aquela terra era dele e pousou três maragato lá e deixou três fuzil e 3 bocó de munição.

Chegaram no meu tio, ele deu comida. Um deles tava baleado na perna. De meio dia chegaram lá em casa e minha mãe deu um chingão nele, veio ele comprido: “que homem loco, se a gente do governo te pega junto dos maragato, tu vai entrar na força também. Larga esses homem aí”. Daí minha mãe deu pro meu pai um pedaço de carne e mandou que vai. Vocês vão rio acima que vocês saem em Soledade. Os homem deixaram a munição e as armas pra ele e o Damascente foi busca milho de manha cedo, acho o fuzil e escondeu embaixo do porão da casa. Daí ele contava pra tudo. Foi busca e não tinha nada. Pegaram ele e deram uma tunda de laço e queria mata ele. A muie disse: “não, não surem ele. Os fuzil tão debaixo da casa.” `Pegaram e soltaram ele, mas deram uma tunda nele.

J– O sobrinho de um senhor na Barra tem um pente de munição, mas não dá pra ninguém.

A – É, cada pente tinha cinco bala.

Podemos perceber que os combatentes tinham munição e logo após o Combate do Fão, muitas pessoas seguraram consigo as armas que ficaram no local. Em seguida a polícia militar passou para recolher os armamentos e munições, isto porque as pessoas não podiam mantê-las consigo. Além da quantidade de armamentos e munições, também temos informações sobre a presença de espadas e facas utilizadas no levante. Sobre isto o entrevistado B (2009, p. 8) informa:

B – Mas eles tinham revolver, espingarda e espada.

J – Lá em Progresso tem uma pessoa que tem uma espada guardada, talvez seja da tropa de Campo Branco. Pois aqui na foto da pra ver e até estão apoiados nelas.

B – Depois vamos em uma casa, tem uma mulher que tem a espada de um combatente que foi do pai dela.

Podemos perceber que além de armas, os combatentes também utilizavam espadas e facas para auxiliar nos possíveis ataques com outras tropas. Ainda tomamos conhecimento sobre uma espada através da entrevista B, quando este nos levou até a casa de uma filha de combatente que possui o material guardado. (Veja o ANEXO F). Em uma reportagem do Jornal Correio do Povo (02/10/2008, p. 7) há uma imagem sobre outra pessoa que possui uma espada que foi utilizada no Combate do Fão (Veja o ANEXO G). Vimos então, que além de armas e munições os combatentes se depuseram a usar espadas, para auxiliar e reforçar a proteção.

4.3 Dispersões nos territórios em Soledade

Organizada a coluna do levante em Soledade, o Coronel Pedro Carneiro resolveu deixar uma guarda no 11º distrito. O local escolhido foi a fazenda do

General Candoca, onde estiveram acampados em torno de oitenta homens. Sobre isto Jorge de Paula (1933, p. 29) destaca:

Esta guarda distava da vila 5 léguas, aproximadamente e possuía 7 fuzis mauser apenas e mil e poucos tiros. Na divisa do município de Passo Fundo com este, no lugar denominado Colonia Waeller, colocamos uma guarda de 5 homens armados com um fuzil mauser, um revólver e uma espingarda de chumbo, de caçar papagaios na roça.

Mesmo com guardas na divisa com Passo Fundo, estes ficaram sabendo que cinquenta e seis homens das forças governamentais vindas de Passo Fundo viriam para reprimi-los. Esconderam-se nos matos e avisaram ao acampamento da fazenda sobre o embate. Retornando para a vila de Soledade, se estabeleceram na casa de Thomaz dos Santos Leite onde se enfrentaram com as tropas governamentais sob o comando do Coronel Rico Prates, ficando 3 mortos e alguns feridos. Soledade, tomada pelas forças governamentais e o Corpo Auxiliar que estava na divisa com Passo Fundo, voltou a se reunir com a tropa de Pedro Carneiro na fazenda de Candoca.

O General Candoca com dezesseis homens no Paço da Rocha, no rio Jacuí, impedindo que as forças governamentais comandadas pelo Coronel Tasso Silveira fossem para Soledade. Sobre isto Hernâni Donato (2001, p. 394) na obra “Dicionário das Batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária”, destaca:

03/09/1932 Passo da Rocha/Soledade – RS. Revolução Constitucionalista. Candido Carneiro Junior, general Candoca, encarregado por Flores da Cunha de organizar batalhão cívico para a guerra contra São Paulo, adere com sua tropa ao ideal revolucionário, instalando em Soledade um governo antiditadura. Abre hostilidades atacando o pró-Vargas reunidos no Passo da Rocha. Oito mortes dizem ser a fúria do combate. A data e as baixas constam na Carta de Carneiro a Flores da Cunha dado as razões de sua atitude. Sergio da Costa Franco em Soledade na História. Revista do Clube do Ipiranga, nº 81 p. 61.

Também nas prefeituras de distritos vizinhos estavam acontecendo substituições partidárias para proteger Soledade de possíveis ataques. Jorge de Paula (1933, p. 47) sobre Tapera informa:

Outro contingente comandado pelo Coronel Manoel da Silva Corralo, invadira o município de Carazinho, pelo “Paço Espumoso” e, no povoado denominado “Tapera”, depoz as autoridades ditatoriais, empossando, em seus lugares, autoridades constitucionalistas. Eram seus lugares tenentes os valorosos majores Pedro Bomfim e Angelin Tissiani.

Outro dado encontrado em Sérgio da Costa Franco em “Soledade na história” (1975, p. 127) auxilia no fato:

Entrementes, alguns piquetes procuravam defender os pontos de acesso ao município, e um grupo, sob o comando do Coronel Dr. Manoel da Silva Corralo, ultrapassava o Passo de Espumoso e se adonava da localidade de Tapera, ali substituindo as autoridades distritais a 8 de setembro.

Percebemos então que em lugares próximos à Soledade estavam ocorrendo substituições partidárias de regimes constitucionais para que fosse tomada providência sobre uma repressão. Sabendo que o Governo Estadual estava enviando forças de todos os lados para reprimir o movimento, Candoca resolveu afastar seu levante da rede municipal indo para o interior, precisamente rumo ao oitavo distrito do município, hoje município de Barros Cassal. O entrevistado B (2009, p. 1) sobre isto destaca:

B - Então acontece o seguinte, a revolução foi deflagrada e como não puderam tomar Passo Fundo e nem Cruz Alta, eles resolveram não se entregar e por isso vieram nessa região que era mais abandonada, com terreno mais dobrado, mais mato.

Como a força revolucionária vinda de Soledade não conseguiu dominar alguns municípios vizinhos, como Passo Fundo e Cruz Alta, e não gostaria de se entregar, saíram para os matos do 8º distrito, pertencente ao município de Barros Cassal. Na noite do dia 5 de setembro alguns combatentes voltaram para Soledade para ficar com suas famílias. Na tarde, saíram de Soledade e voltam novamente para o oitavo distrito do município, onde havia alguns voluntários chefiados por João dos Santos Almeida. Sobre isto o entrevistado B (2009, p. 2-3) relata:

B - Daí então seu João que na verdade ele foi o grande líder aqui [Barros Cassal], na região e como ele não recebeu essas condecorações inclusive apareceu que cada um desses receber uma pensão né. Na medida em que eles assinaram o manifesto, a hora que o governo virou contra, então eles sabiam quem tinha que prender ou matar. [...] Daí ele escreveu uma carta para um deputado lá em São Paulo, Leonel Júnior é o nome dele, então explicando as razões dele e que teve um levante aqui e então ele boto assim [vai ler]: Participante ainda vivo da Revolução Constitucionalista de

32, do antigo distrito de Santo Antônio de Soledade, depois de 1934 município de Barros Cassal, sentimos o dever de trazer nossa cooperação e depoimento sobre a história da revolução cujo os dados estamos anunciando pelo prefeito de Soledade remetemos essa carta. E por tudo pretendo citar o nome de algumas pessoas que participaram do levante desse município deixando mencionar a maioria pelo motivo de não levar os nomes, já que faz mais de meio século que aconteceram os fatos. E não sabemos por que então o 8º distrito de Soledade que era o nosso aqui foi deixado de fora, resumimos que os dados para a história da revolução baseou-se mais no livro escrito por Jorge de Paula, que não os citou uma única vez o nosso nome. O Jorge de Paula era o nosso prefeito, o subdelegado.

O combatente João dos Santos Almeida gostaria que o 8º distrito fosse reconhecido como participante do Combate do Fão, já que ele organizou um levante no local. Ainda sobre os voluntários do 8º distrito de Soledade, Barros Cassal, o entrevistado B (2009, p. 3-4) destaca informações sobre os participantes:

B – Então o seu João escreveu no seu livro de Soledade. [...] “A direção da frente única de Soledade representada pelos dois partidos, fiéis aos compromissos assumidos pelos seus chefes de estado de São Paulo, no dia 31 de agosto, resolveram levantar-se em armas contra a ditadura, contando com a adesão das brigadas em organização no município depuseram e prenderam as autoridades ditatoriais e empossaram as autoridades constitucionalistas. Eu recebi ordens, por intermédio do Engenheiro Álvaro Leitão para na noite desse dia tomar assalto a subdelegacia de polícia, prendendo o subdelegado e os 30 homens que se achavam reunidos. O engenheiro Álvaro Leitão fez um relato da marcha-ré do interventor. Eu devia ainda nessa noite de 31 de agosto, sitiá-la subdelegacia e na manhã do dia seguinte, 1º de setembro, prender e desarmar o subdelegado Fredolino de Almeida [o entrevistado interrompe e diz: Que era meu tio] e o pessoal que achava-se reunido em sua casa. Para essa missão eu dispunha de 28 homens no acampamento e 13 homens na casa do Tenente Antônio Cardoso, em Duas Léguas. Ficou combinado que á noite que eu iria com meu pessoal até a casa do Honorato [interrompe novamente e diz: Que era meu pai né. Só pra lembrar o meu pai era de um lado e meu tio do outro], distante também dois quilômetros da subdelegacia. O ataque seria ao clarear de 1º de setembro, depois de sitiada a casa por todos os lados. Tinha sido combinado também que depois de sitiada a casa, os companheiros Honorato Almeida [que era meu pai] e o saudoso Casper Maler [Que era médico e ia junto] iriam parlamentar com o subdelegado Fredolino Almeida e tentar sua rendição e de sua gente. O Fredolino era primo e cunhado do Honorato e de Casper, compadre e amigo.”

J– Mas tinha seu tio e seu pai no levante?

B – Meu pai e mais três tio meu.

O entrevistado B, teve muitos familiares que atuaram no 8º distrito e que participaram do Combate do Fão, como podemos perceber durante a sua fala. Após sitiarem o 8º distrito, Barros Cassal, seguiram em frente também esperando incorporação vinda do município de Lajeado. Já no dia 6 de setembro de 1932, os voluntários de Soledade e do 8º distrito, esperavam a incorporação do levante e

armamentos vindos do município de Lajeado, sob o comando do Coronel Antenor Lemos, que estava acampado na localidade de Campo Branco conforme tratamos no capítulo dois. No dia seguinte, o general recebeu um ofício de Antenor Lemos desejando se encontrar e um possível ataque com as forças governamentais. Sobre isto Jorge de Paula (1933, p. 52) enfatiza:

Propondo-lhe sitio e ataque ao acampamento dum Corpo provisório de Rio Pardo, destacado nas “Quatro Léguas”. Localizava com clareza o acampamento inimigo e pedia ao general para marchar na noite do dia 7, que as 4 da madrugada do dia 8, ele Lemos, lá estaria com 40 homens. Pedia também que, após o sítio, o general pessoalmente parlamentasse com o chefe inimigo, propondo-lhe a rendição dentro do prazo de uma hora. Caso recusasse, teria lugar o sinal combinado para cairmos sobre o acampamento ditatorialista.

No mesmo dia ao anoitecer, o General Candoca atendeu ao pedido de Lemos. Não demorou muito, receberam Sebastião de Freitas Borges que trazia um ofício de Lemos ao general dizendo que a revolução no Rio Grande estava fracassada. Não acreditando respondeu a Lemos que seguiriam na luta com São Paulo e caso quisessem retornar para Lajeado que remetessem as armas e munições que possuíam. Depois disso não receberam nenhum retorno. Conforme as informações do outro levante vindo de Lajeado João dos Santos Almeida em “Sonhos, persistência e coragem” (1999, p. 65) informa:

[...] ao meu acampamento no Rincão de Santo Antonio, com a incumbência de entrar em entendimento com o coronel Antenor Lemos, que estava acampado em Campo Branco, município de Lajeado, com 300 homens armados, que segundo constava, desejava fazer incorporação com a coluna. Fui portador da nomeação dos tenentes Honorato de Almeida e Antonio Cardoso para subdelegado de policia e subintendente.

O levante que estava vindo do 8º distrito esperava incorporação dos demais voluntários do Coronel Lemos, mas de fato isto não aconteceu. Sobre a questão o entrevistado A (2010, p. 2-3) destaca:

A - [...] o Martim Deodoro tinha uma força lá em Campo Branco e daí quando estouro os tiro, o Martim foi pro mato e o falecido Arlindo Fernandes lá na Vila Assis, era maragato, era um homem muito rico e aqueles campo era tudo dele.[...]

J – Teve uma tropa que saiu de Lajeado e foi pra Campo Branco. Só que não chegaram na Barra.

A – Aqueles eram da força do Martim Deodoro.

J – Mas eles foram pra se reunir com os Candoca?

A – Sim. E o falecido Alimpo também era com o Candoca.

Reforçando o relato, o entrevistado C (2009, p. 1-2) também informa:

B – Tinham várias tropas. Uma na Barrinha, uma em Campo Branco e uma em Costantino.[...] Era da mesma, era tropa do Martim.

J – É, porque tem uma foto lá em casa, uma foto grande lá em Campo Branco, deve ter umas 100 pessoas.

Eltivino – O grupo do Martim Teodoro. Mas eles tinham, tavam cheio de munição e a brigada também.

Através destas entrevistas percebemos então que a tropa comandada pelo General Candoca estava esperando reforços vindos de Lajeado, para ampliar o número de homens, bem como armamentos e munições. Entretanto, mesmo isto não acontecendo não desanimou-se e em 8 de setembro a coluna acampou no interior da serra, no lugar denominado Posse do Urbano. No mesmo local, receberam um pedido de ajuda de alguns voluntários que estavam acampados no Rincão de Santo Antônio. Estas informações remetem-nos novamente a Jorge de Paula (1933, p. 55):

Nós abaixo, Olímpio Rosson, Lauro Albuquerque, Abílio Tatin e Tufi Duara, soldados voluntários, solteiros, maiores, prontos a vos acompanhar até o fim desta jornada, embora com riso da própria vida, estamos hoje molhados, com fome, descalços, sem roupa limpas, sem viveres e sem cobre, viemos respeitosamente solicitar a V. Exa. Ordenar entregar-nos alguns viveres e mandar-nos vinte mil réis, que será entre nos repartido irmãmente e utilizado na compra de cangica e galinha.

Muitas das pessoas que faziam parte do levante do Combate do Fão estavam quase uma semana fora de seus lares, chegaram a passar algumas necessidades, como fome, falta de roupa e proteção. Pelos lugares que passavam pediram ajuda na alimentação, mas nem sempre ganhavam o auxílio.

Na manhã do dia 9 de setembro, no acampamento chegou um emissário com a comunicação de que duas senhoras parentes de combatentes, Lucia Spalding, esposa de Kurt Spalding, e a viúva Rosaura Thomasi, mãe de Ivo e Ugo Thomasi, desejavam na fazenda do Senhor Geraldino Ferreira falar com o general Candoca. Partiram de cavalo o general, acompanhado dos coronéis Alvaro Rodrigues Leitão, Rosauo Tavares, Armando de Souza Kantres, Urbano Benigno dos Santos, Francisco Pereira dos Santos e Kurt Spalding. Chegando à fazenda foram informados por elas em torno de 2.500 homens que das forças do governo se encontravam na cidade de Soledade.

Na parte da tarde retornaram ao acampamento, onde o General reuniu todos os seus homens comunicando que a vila de Soledade estava tomada e a coluna vinda de Lajeado não iria mais incorporar-se à deles. Decidiu então, que mesmo assim apoiariam a Revolução de São Paulo. Na manhã do dia 11, levantaram acampamento e cruzaram o rio Braz, que é afluente do rio Fão. O entrevistado B (2009, p. 5) enfatiza:

B - Era tudo uma tropa só. Uma vinha de Soledade da região norte e uma da região de Lajeado. Eles combinaram de entra ali nas Toca e essa outra nossa aqui entrou pela Boa Vista até o Fão.

J – Essa Boa Vista é aonde?

B– Na Barra do Braz, um pouco a esquerda por aonde tu veio.

Ainda sobre esta passagem o entrevistado A (2010, p. 10-11) temos:

A – Eles desceram por Barros Cassal e no Brás, depois passaram no Honorato, na Batovira e no Araçá. Passaram na sanguinha das Toca.

J – Há daí eles vieram por cima.

A – Eles vieram por lá, pelo lado do Fão.

J – Eles vieram então pela sanga das toca, por aquele riozinho que desce lá em cima? Perto dos Machado?

A – Sim, vem lá de cima.

J – Hum. Atravessaram lá e vieram.

A – Sim, atravessou uma tropa, depois vem aquela gruta.

Próximo a este rio, estabeleceram acampamento. No mesmo dia, chegou um rapaz dizendo ser filho de Natinho Galvão, um dos melhores amigos do general Candoca, e gostaria de saber se precisariam de alguma ajuda para a força. O mesmo ficou sabendo do itinerário que fariam para chegar até São Paulo. Na verdade era filho de João Pinto “o caçador dos opositoristas” de Soledade. O entrevistado B (2009 p. 9) destaca que:

B – Nada foi programado. Tanto é que não foi programado por que eles vieram por um lugar difícil, por fácil de combate as força da brigada, as forças militares como em qualquer outro lugar. Uma porque eles não conheciam o terreno e o pessoal daqui já conhecia por lá. E daí quem levo eles lá, as forças do governo, foi um pinta ali, não sei se era o tio do José Pinto ou quem era.

Sobre este episódio o entrevistado A (2010, p. 6-7) também informa:

A - [...] os Pinto era os caçadores dos opositores. Sim. Eles eram muito ruim, eram bandido, tomavam as terras dos outros.

J – E foram eles que falaram que as tropas tavam indo pra Dudulha. Por isto que essa brigada...

A – Mas eles vieram por Fontoura e desceram por lá e disseram pro chefe que eles tinham só pistola veia. Mas eles não sabiam que os paulista tinham mandado, porque ele morava no Gramado São Pedro e o Candoca tava cheio de fuzil.

Os combatentes chefiados por Candoca para passarem pela localidade de Barra do Dudulha, receberam ajuda de algumas pessoas do 8º distrito que conheciam o local. Já as tropas da Brigada Militar que eram oposicionistas ao levante, ficaram sabendo conforme já nos referimos por onde o levante ia passar pela espionagem de um dos filhos de João Pinto, que estavam estabelecidos próximos da localidade de Guamirim, hoje município de Fontoura Xavier. Ainda sobre isto Leodete Dalla'agol de Souza (2008, p. 25) na Obra “Combate do Fão – Soledade/RS” destaca a informação:

O Piquete Presidencial da Brigada Militar acampou nas terras do senhor João Pinto da Silva, na localidade de Rincão de Nossa Senhora, próximo a Fontoura Xavier. O senhor João Pinto da Silva havia sido convidado a participar do movimento por Urbano Benigno dos Santos. Veio até Soledade acompanhado de seu filho Jordão Pinto da Silva e João, o mais velho, o senhor Randolpho Tatim Chanoca e o sub-prefeito de Fontoura Xavier, Ernesto Maia. Depois de alguns desencontros resolveu que não se envolveria. Já de volta a sua casa, João pinto recebeu mais tarde, um bilhete do general Candoca no qual solicitava que lhes fosse enviadas munição de boca. Através desse bilhete, João Pinto da Silva, filho de João Pinto, na época 18 anos, levou as tropas do governo em direção ao local onde se encontravam os revolucionários soledadenses, isto é, na Barra do rio Fão. Jordão foi preso pelas forças do governo e, quase como refém, foi levado a guiar as foras floristas até a propriedade de Honorato Valêncio, onde se encontrava o alto comando da Revolução.

Retornando para o Guamirim (hoje município de Fontoura Xavier), o filho de João Pinto, comunicou os apontamentos que ficou sabendo e assim as tropas governamentais seguiram para o rio Fão e arroio Duduia. Dentro do município de Soledade já estavam concentrados cerca de cinco mil homens armados do governo. Sobre este episódio o entrevistado A (2010, p. 11) declara:

A – Eles [tropa de Candoca] vieram pelo outro lado do Fão. Porque o Fão tava muito cheio e passaram naquela barquinha. Passaram em Lajeado, São José do Herval, Pouso Novo e daí entraram no Guamirim, Vila Assis e desceram por Três Pinheiros. Lá em Três Pinheiros que meu pai tava secando a erva.[...] A gente do governo subiram por aqui. E daí se que encontraram na Barra.

Através desses depoimentos vimos que a vinda das tropas governamentais passaram pelos municípios de Lajeado, Pouso Novo, São José do Herval e Fontoura Xavier para chegar até onde estava o acampamento dos revolucionários chefiados pelo General Candoca. Neste último local, Fontoura Xavier, passaram pelo interior, nas localidades de Vila Assis, Três Pinheiros até chegar na Barra do Dudulha. Atualmente todas essas cidades e localidades permanecem com as mesmas denominações.

4.4 Chegada nas planícies do rio Fão: O Combate

Após vários acampamentos, a tropa de Candoca chegou e se estabeleceu às planícies do rio Fão em 12 de setembro. Para chegar nesta planície o morador da localidade, Bento Domingo atravessou os combatentes pelo passo da barca, pois o rio estava muito cheio. Após a travessia ficaram acampados próximos ao rio Fão e a uma casa que também tinha na localidade de Bento Domingo. Sobre os moradores da localidade o entrevistado A (2010, p. 8 grifo nosso) informa:

J – E aquela taipa que ainda tem na Duduia, tinha na época?

A – Sim. A taipa era do falecido *Bento*, ele tinha uma tropa. E fez a taipa pra bota a tropa dentro. E daí foi ali que o negrinho veio no canto assim da taipa e os outros lá no gramado atiravam de pontaria. Quando ele ia coloca a metralhadora ele matava aqueles.

J– Ah, então tinha a taipa.

A – Acabou-se as balas. O nego era medonho.

J – Eu achei que não tinha. Quando chegaram aquele dia de noite eles ficaram acampado ali?

A – Sim. Ficaram e pousaram tudo ali.

J – Sim. O livro do Jorge de Paula diz que ficaram acampado ali e cinco ou seis subiram em cima do morro.

A – Sim. Uns passaram pras Toca.

Esta taipa de pedra que o entrevistado destaca e que era do morador Bento Domingo ainda existe na localidade, como podemos ver no ANEXO H. Esta taipa foi de extrema importância para os combatentes da tropa do Candoca, pois serviu como defesa e estratégia de ataque. Sobre este morador da localidade temos a informação do entrevistado C (2009, p. 2, grifo nosso) que também informa:

C – O velho *Domingo* canso de puxa a turma do Candoca quando chegavam lá, ali outro lado quando ele canso mando entra.

J – É não tinha estrada, não tinha como passa.
C – E o rio tava alto.

Próximo do local do acampamento havia uma casa onde poderiam encontrar comida. Na época, na localidade de Barra do Dudulha existiam poucos moradores. Sobre isto o entrevistado A (2010, p. 3-4) destaca:

J– Mas não tinha ninguém que morava por ali? Moravam e tinham medo?
A – Morava. Mas só o Honorato Valêncio, lá onde tava o véio Trombini e tinha abodega. Depois o Bento também morava na Barra e tinha a casa de comércio, moinho e alambique de cachaça. Então a água tinha naquele valo, não sei se o moinho ta lá ainda? [...] A gente do Candoca fugiram tudo por dentro do valo. O falecido Bento morava na Barra e ele tava quebrado. A mulher dele morreu e ele ficou com uma criada dele, bem bonita e três guri: o Joãozinho, Pedrinho e Espiridião. Ele pego os guri e foi dentro do valo, perto do perau. Lá tinha uma casa de pedra e boto as crianças lá e veio em casa busca um colchão. Quando volto lá, tinha um leão cuidando as crianças. O leão avançava nele e não podia chega de jeito nenhum. Fez uma vara de taquara e ele se foi. Daí ele pode coloca o colchão pras criança.
J– Mas e o medo das pessoas, acabavam fugindo?
A – Mas ali moravam o Bento e o Honorato só, não tinha mais ninguém.
J – Só tinha dois moradores então?
A – A igreja, a escola. E nos vinha na escola ali. Quando passo a guerra, nos fomos de novo, daí eles vieram busca aquele homem lá de Santa Maria. Fico sete lá na Barra, agora tem seis naquela grade de ferro. O Olívio Taffarel mando faze uma grade e boto os morto ali.

Ainda sobre os moradores na localidade da época o entrevistado C (2009, p. 3) trás a seguinte informação:

C – Moravam bem ali perto da ponte [que tem hoje], morava o veio Norato Valêncio.[...] E foi baleado dentro da casa dele.
J – Onde nós moramos ali não devia ter nenhuma casa né?
C– Aonde vocês mora?
J – É, naquele chato ali do lado de cá.
C – Não. Só ali em baixo tinha um moinho ali. Mesmo lugar ali e tinha sua moradia, onde é o Tisco.[Tisco é o morador da comunidade Barra do Duduia, vizinho do meu pai]

Vimos então que moravam poucas pessoas quando a tropa de Candoca chegou às planícies do rio Fão. Quando estavam acampados na noite em 12 ouviram barulhos de tiros próximos ao acampamento. Sobre isto Jorge de Paula (1933, p. 66) destaca:

- Não ouviu descargas no acampamento?
- Não. Respondi.
- Pois houve descargas lá...

- Isso não passa de um ou dois tiros que deram de bobagem ou nalgum fantasma que apareceu por lá. Um ou dois tiros, principalmente a noite, nestas serranias faz eco de descarga.
- Não...foi de 50 a 60 tiros e parece rajada de metralhadora.
- Então vamos ver o que é isto.

Os combatentes que estavam no acampamento foram próximos ao rio Fão e não ouviram mais nada. Depois, mais tardar da noite receberam a notícia que uma tropa governamental entrou pela beira do rio Fão e invadiu uma casa próxima ao acampamento, dando tiros e ferindo algumas pessoas. Os revolucionários foram até esta casa todos armados, caso frontassem com a tropa governamental estariam prontos para um ataque. Jorge de Paula (1933, p. 67) informa:

O piquete que entrou procurou iludir o destemido capitão Pascoal – que estava encilhando um animal para conduzir um bilhete, que na ocasião o General escrevia, - falando como se fosse companheiro. Pascoal compreendendo a cilada, deu um salto para traz dizendo: “Não me entrego!”, era tarde, nem teve tempo de sacar o revolver, fulminando-no com uma rajada de metralhadora! Voltaram as armas para a casa onde o General escrevia e bombadearam-na – ferindo o dono da casa, uma moça, uma criança e quebrando as pernas do Capitão Theodolino Ferreira e João Maria da Rosa! O General mal pode sair da casa, porém ileso – milagre, pois os que foram feridos não lhes estavam distante.

Sobre este fato, o entrevistado A (2010, p. 1) também ressalta:

Daí eles chegaram na Barra mataram o Pascoal e o burro que ele tava encilhado e deu, deram um tiroteio dentro de casa e balearam a Filha do Norato na perna (a Inês) e quebraram a perna do Tironeio Portela e tinha um nego que pulo lá fora e quebro a outra perna. Daí o Tironeio Portela, era tio desse Gilberto ele pulo pela janela e quebro a outra perna, daí botaram os dois jovens contra a parede do porão e pegaram o Honorato e os filhos e levaram dentro de um valo lá no rio pra baixo ali, pras bala não pega eles.

Através da narrativa do entrevistado C, podemos confirmar o fato que ocorreu dentro da casa de um dos moradores, ferindo uma de suas filhas e alguns membros da brigada militar. Percebe-se o medo dos moradores e as invasões que as pessoas sofriam em suas casas.

Nas planícies do rio Fão, a tropa de Candoca estava espalhada em todos os morros do local, quando um dos combatentes, o Capitão Dario Carneiro, que comandava uma guarda na costa do rio Fão viu tropas se movimentando. Sobre a distribuição das tropas na planície do rio Fão, o entrevistado C (2009, p. 2) enfatiza:

J – E no caso do combate era um lugar bom, plano e cheio de morro. E em cima do morro eles ficavam a tropa ali onde tem a terra do Hermínio [que é morador da localidade].

B – Sim. E o exército da brigada subiu por lá, ali onde tu mora, subiu o perau e a tropa do Candoca subiram do lado de cá. Também o Candoca mando subi e lá ficou um civil morto.

Mesmo com o local sitiado aos poucos as tropas sofriam ataques. O mesmo Capitão Dario Carneiro, avistou de cima do morro em torno de trezentos homens bem armados, estes os quais deram tiros de fuzis matando quatro e ferindo oito pessoas da tropa de Candoca. Do outro lado do morro, estava a tropa de Rosauro Tavares com oito homens atirando nas tropas governamentais. Ainda Jorge de Paula (1933, p. 75) destaca:

Nós não podemos ficar muito tempo mais aqui; esperemos ainda um pouco e retiremo-nos, pois nossas linhas do outro lado estão fracas; com certeza morreram, quase todos ou estão retirando. Se a força inimiga consegue entrar no gramado, nós ficamos sitiados e sem nenhuma possibilidade de retirada. Quando nos apertarem muito, damos um tiro ou dois cada um, mas não atirem sem que eu mande.

Outras informações sobre o ataque entre as tropas são reveladas pelo entrevistado A (2010, p. 1-2, grifo nosso):

A - Daí tinha um *neguinho* de Soledade, deu 1.500 tiro, ele tava no canto da taipa. Aqui é a Igreja, daí ele fico atrás e lá tinha 1.500 bala, deu 1.500 tiro.[...] E daí um fico atrás do forno do falecido Bento, esse deu 1.200 tiros e aquele atrás do cepo da casa deu 1.000 tiro. Mas daí acabou-se as bala deles e eles colocaram a metralhadora e espedaçaram ele, o *neguinho* fico em pedaço, espedaçaram tudo. E os outros ó...entraram no mato dentro do valo do Bento Domingo e subiram dentro daquele valo e cortaram uma vara comprida e saltavam pro outro lado e se foram tudo pelo barranco. Três caíram na água e morreram. Eu sei que foi feia a coisa, daí brigaram até meia tarde, daí tinha um homem lá em cima do perau, ele dava tiro do perau pra baixo. Lá morava o Severino. Subiu uma força meia tarde e desceu rio abaixo. Daí veio o filho do veio Pinto Jordão.

Com um número inferior de armas e balas, vendo que a tropa não iria ter um sucesso sobre as tropas do governo, Candoca e seus companheiros decidiram abandonar o local, pois a situação estava cada vez ficando pior. O combate, segundo algumas informações durou em torno de seis horas até que a tropa de Candoca não tinha mais munição suficiente para combater as tropas do governo e retirou-se pelos matos atravessando o Duduia. O entrevistado C (2009 p. 1) informa sobre a duração do confronto:

O fogo durou...chegaram na boca da noite...ali na ponte da Barra e aqueles do Candoca tavam lá em baixo aonde morra o Tisco, naquele tempo era do Bento Domingo, daí lá em cima deram uma descarga de bala e os outros responderam lá, daí estouro o fogo. Começo as 5h da manhã até as 4h e poco 5h da tarde. E findo porque não tinha mais munição de lado nenhum.

O entrevistado A (2010, p. 2) também informa:

A - Vieram tudo pra Barra e daí de manha cedo se grudaram na bala.

J- Começou cedo né? De manhã?

A – Sim. Cedo. Mas o chefe, eles mataram de saída. Levo um balaço nos peito e caiu morto. [...] Depois que terminou o combate voltaram lá em dois e deram um tiro na cabeça e saiu tudo os miolo assim. Mataram os dois. Daí fico lá na Barra por que não tinha mais cavalo pra leva, levaram tudo de bruço assim deitado em cima dos arreios e apertavam com a chinha e fizeram uma tropa de cavalo. Chegaram lá no veio Pinto e chegaram dois caminhões grandes. Um tio meu foi lá comprar, eles tinham uma casa de negocio e prenderam ele e tinha que ajuda a bota os mortos dentro do caminhão. Ele diz que tinha uns trezentos. E fico uns cinco ou seis que fico lá e morreram.

Sérgio da Costa Franco em “Soledade na História” (1975, p. 127) enfatiza que [...] Sem condições de resistir a uma força bem armada e municada, o General Candoca retirou seus homens, cruzando o Rio Duduia e internando-se nos matos. [...] Antes de sair do local do combate Candoca encontrou um moço baleado e perguntou-lhe, segundo Jorge de Paula (1933, p. 76):

- Vieste do outro lado do morro?
 - Faz meia hora que sai de lá.
 - Morreu muita gente nossa?
 - Dois ou três.
 - E feridos?
 - Cinco ou seis.
 - Tem certeza?
 - Sim, pois eu era municador.
- E meus rapazes não apareciam...eu anciava.

Os que ainda restavam no local, do outro lado do moro resistiam entre 10 e 12 homens que foram aprisionados pelas forças militares do governo. Alguns que ainda ficaram nas planícies do Fão, entre eles Theodonilo e João Maia, ficaram com as pernas quebradas e aprisionadas. Jorge de Paula (1933, p. 82) ainda destaca:

Estes bárbaros puseram-lhe cordas no pescoço e arrastaram-nos para o terreiro, fuzilando sumariamente. Assim terminou nas margens do rio Fão, lugar denominado “Paço da Barca”, o solene protesto de um povo, cujo amor e respeito pelas tradições de honra podem ser abafados pela violência da força.

Como estavam com poucos armamentos, munições e número inferior de homens abandonaram o acampamento. Nicácio João Maria de Lima em “1875 – Judiciário – 2005: família forense e um pouco da história de Soledade” (2008, p. 319) transcreve a fala do combatente José Miguel Dip, como ele viu o movimento em Soledade e destaca sobre o final do Combate do Fão:

O movimento revolucionário de Soledade fracassou, devido a sua completa desorganização. Conforme já informei, o nosso movimento teve o apoio da totalidade da população do município, concentrando-se aqui mais ou menos dois mil homens, possuindo apenas cento e poucas armas.

Vimos então que, sem chances de vitória a tropa de Candoca retirou-se da localidade atravessando o arroio Duduia. Como o autor acima destaca, o movimento de Soledade não estava muito organizado e com munições suficientes para enfrentar a tropa do governo.

4.5 Final do combate: retirada e pacificação

Aos poucos a tropa de Candoca foi se retirando do campo e fugindo nos matos. Candoca ficou sabendo que a Revolução de São Paulo não tinha mais continuação. Sendo assim, em 5 de outubro de 1932, Geraldo Costa, emissário do Dr. Félix Engel Filho, resolveu estabelecer a pacificação com Candoca. Na ocasião Candoca se encontrava no segundo distrito de Soledade, na casa de Giocondo Zanetti, juntamente com Agilberto Atilio Maia, prefeito de Guaporé, e os combatentes Caio Graccho Serrano e Hercules Bocardi. Foram propostas algumas condições para que não fossem presos e pudessem retornar para seus lares. Tais condições foram reveladas na obra de Jorge de paula (1933, p. 86) como:

1º – deposição das armas;

2º – devolução por parte o Senhor General Candido Carneiro Junior, da quantidade recebida para organização dum Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado.

Mesmo assim, Candoca foi preso e exilado para o Rio de Janeiro. Sobre isto o entrevistado A (2010, p. 9) destaca:

A - Candoca daí fugiu e foi preso em Guaporé. Teve que devolver dinheiro, armas e lotes de terra. Ele era muito rico, fazendeiro e político também. E tinha um tal de Dr. Leitão, muito rico e parceiro dele. Acho que era primo dele.

Após o Combate do Fão em setembro de 1932, o município de Soledade viveu um longo período de intranquilidade, violências e mortes. Esse clima se intensificou com a posse do prefeito Francisco Müller Fortes, do PRL, conhecido como “Chico Touro” tendo como partidário Flores da Cunha. Sobre isto Marcio Comin na obra “O Combate do Fão: uma interpretação através da história política” (2002, p. 40) enfatiza:

Sob sua tutela, o poder político municipal, não irá limitar a apenas administrar, mas levará a termos pessoais as questões políticas. A seu mando criará os chamados “bombachudos”, capangas contratados para fins ilícitos e pagos pelos cofres públicos como funcionários das ruas. Todo esse aparato terá o assassinato de Kurt Spaldig, político influente e participante da coluna de 32 e de profissão farmacêutico. Além deste óbito, é ferido gravemente o Coronel Cândido Carneiro Junior, líder do movimento revolucionário local.

Lembramos que o prefeito Fortes pertencia ao partido Republicano Liberal e os representantes legais da Frente Única Gaúcha (FUG) em Soledade, eram em especial o General Candoca e Kurt Spalding, alguns dos membros do Combate do Fão. Ainda sobre isto, Caroline Webber Guerreiro em “Vulcão da Serra: Violência política em Soledade – RS.” (2005, p. 74,79) enfatiza:

A região de Soledade prosseguiu sendo alvo de conflitos decorrentes dessas disputas políticas, sucedendo-se atos de violência e vingança, muitas vezes patrocinados pelas próprias autoridades oficiais. [...] As desavenças entre o prefeito Fortes e representantes locais da FUG eram constantes. Tanto era que Fortes foi acusado publicamente e perseguição política e de ter provocado a quase-cessação da atividade social em soledade em razão de suas normas, além de acusações de que ameaçava os juizes e de que teria agredido o promotor público, bem como coagido advogados.

Além de ter como prefeito em Soledade, uma pessoa que a população não queria e que não estava ao lado da FUG soledadense, o clima da cidade se intensificou mais com a morte de Kurt Spalding, médico e farmacêutico, dentro de sua própria farmácia. Neste mesmo dia o General Candoca é ferido e preso, o que aconteceu nas vésperas das eleições em Soledade.

4.6 O local do Combate

Hoje a localidade onde aconteceu o Combate do Fão de 1932, denominada Barra do Dudulha, fica entre os municípios de Fontoura Xavier, Progresso e Pouso Novo. (Veja o ANEXO I e J) Esta localidade é uma planície rodeada de muitos morros, um lugar propício para acampar e estratégico para confrontos, pois os morros facilitam um melhor olhar de cima para avistar quem tivesse chegando. Foi neste local que aconteceu o enfrentamento entre a tropa de Candoca e tropas governamentais de Flores da Cunha. Também esta planície é cortada por dois rios, Duduia e Fão que dividiam o difícil acesso, fazendo com que as tropas se enfrentassem de um lado e outro.

Ainda na atualidade não sabemos certo o número de combatentes que morreram no Combate do Fão. Encontramos dados em bibliografias e entrevistas. O entrevistado B (2009, p. 7) destaca:

B – Na verdade, foram dois combatentes. Esse lá e o do pessoal que veio de Cruz Alta, no Jacuzinho houve outro combate, alguns morreram lá.[...] Morreu tudo isso aqui ó. (mostra a lista de registro)
J– Na verdade são onze então da tropa do Candoca.
C – Peguei a cópia lá em Passo Fundo, encontrei no cemitério lá. Tem um monumento assim com esses nomes.

Além desta informação temos outra sobre a quantidade de mortos no combate o entrevistado A (2010, p. 4) informa:

A - Quando passo a guerra, nos fomos de novo, daí eles vieram busca aquele homem lá de Santa Maria. Fico sete lá na Barra, agora tem seis naquela grade de ferro. O Olívio Taffarel mando faze uma grade e boto os morto ali. [...] E daí eles vieram, o pai do tenente, aquele de Santa Maria, veio com dois irmãos dele. Era um homem da cidade e o rapaz tinha a boca puro ouro. Pela boca do rapaz, conheceram ele e tiraram ele. Mas olha, nos tava na escola e deu uma caatinga que não tinha quem agüentasse. Saímos pro mato tudo e o Gravina emprestou um burro. Com aquela caatinga ele pulava no palanque, não deixava. Ataram um pano nos olhos do burro e botaram uma biqueira de reio e carregaram o burro. Daí ele levou lá em vila Fão, tiraram a broaca e botaram o corpo dentro do caminhão.

Já o entrevistado C (2009, p. 4) destaca:

J – Ali onde é o lugar na Duduia, que hoje é Fontoura mas na época era Soledade. E não era pouso Novo nem Progresso era Lajeado na época. Então morreu só treze pessoas.

C – Ma não no caso. Porque um deles levaram e daí na Duduia fico os três enterrado, pro lado de lá do valo pra baixo depois acharam uma caveira entre meio duas pedras.[...] E ali onde tu morra lá em cima na terra do Marquese morreu outro. São cinco.

J - São cinco então?

C – É, três e um levaram embora. Duas forças tavam ali. E as balas voavam por cima lá naqueles perau, batia bala da brigada lá em cima e voava bala de fuzil. Eles atiravam ali sem medo, se não tinha dado uma carniça bem grande. Matavam de lado a lado.

Além das entrevistas encontramos registros bibliográficos sobre o nome dos mortos durante o combate. Conforme Sérgio da Costa Franco em “Soledade na história” (1975, p. 127) temos:

Do lado da brigada militar, conforme relato do Cel. Hélio Moro Mariante, “pereceram os 2 tenentes João Cândido Alves Filho e Orestes Pereira Marçal, cabo Rivadária Cardoso dos Santos e soldados Frederico Brito da Silva e Nestor Osvaldo dos Santos. Foram feridos levemente o 2º Ten, Carlos Leite, Candiota, 1 sargento, 1 cabo e 5 soldados”. Do lado dos insurgentes, conforme Jorge Augusto de Paula, houve 4 mortos e 8 feridos. O mesmo cronista de “O Fão” assevera que “os ditatoriais, de um e de outro lado do morro tiveram acima de 200 homens fora de combate, entre mortos e feridos.

Garibaldi Almeida Wedy em “Cartas amorosas e outros momentos” (2003, p. 47) destaca algumas informações que continham na caderneta do combatente Kurt Spalding, que é seu sogro e participante do Combate do Fão, e que remetem ao número de mortos:

A 12 de setembro tomamos umas rajadas de metralhadoras e no dia 13 do mesmo mês começou o combate nas margens do rio Fão e Duduia, no município de Lajeado. Iniciou-se o combate às 7 horas da manhã, terminando às 11 e meia, após a nossa retirada lenta. Tivemos 4 homens fora do combate, mortos, além de um morto na noite interior – o soldado Antônio Pasqual, além de dois homens um preto João Maria e o capitão Teodolino Ferreira, que ferido na noite do dia 12 foram a 13 de setembro barbadamente assassinados pelas forças do Cel. Severo, equipada 130 homens.

Sobre a quantidade de mortos no Combate do Fão não encontramos um número certo, pois diferentes bibliografias e entrevistas como vimos levantaram dados diferentes. Acredito que, através das no cemitério estariam sepultados como encontramos nas bibliografias de Paula (1945), Franco (1975), Wedy (2003), nas entrevistas e dados em jornais do O Informativo do Vale, seriam seis mortos. O cemitério em que estariam sepultados os corpos dos combatentes do Combate do Fão e que estão homenageados com alguns monumentos existe na comunidade de

Barra do Dudulha, Fontoura Xavier (Veja o ANEXO L). Os monumentos foram colocados durante o aniversário do centenário de Soledade em 1975 e o outro, dos 77 anos do Combate do Fão, conforme o (ANEXO M).

Em 1975, o município de Soledade, comemorando cem anos, recebeu um ofício da prefeitura de São Paulo homenageando o levante armado que ocorreu na cidade em 1932, conforme o anexo N. Também todos os combatentes que participaram da Revolução de 1932, receberam uma homenagem pelo apoio que os combatentes prestaram a São Paulo. Todos os combatentes que estavam vivos ainda nesta época receberam condecorações, como a Medalha ao Mérito e quadros com as iniciais “MMDC” de 1932. O entrevistado B (2009), que é filho do combatente Honorato de Almeida mostrou-me as homenagens que seu pai recebeu neste dia. (Veja o ANEXO O)

Posteriormente, em 1982 no cinquentenário da Revolução Constitucionalista, os restos mortais de Candoca foram para o cemitério em São Paulo junto aos combatentes paulistas. Sobre isto VERDI (1987, p. 84) destaca:

Em 1982 o governo paulistano obteve da família Carneiro permissão para transladar os restos mortais de Candoca, principal líder dos revolucionários, para São Paulo. Seus restos mortais repousam no Panteão, junto com heróis de São Paulo que deram a vida em defesa da Constituição, contra o alvorecer triste da ditadura.

Vimos que para muitos soledadenses e inclusive pra os paulistas, o general Candoca que apoiou a Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul e a causa paulista é visto como um herói. Mas para muitas pessoas, principalmente que apoiavam o lado Getulista e o interventor Flores da Cunha é visto como um traidor ou opositor.

Neste ano de 2010, o Combate do Fão comemorou 78 anos de história, aparecendo uma reportagem no jornal O Informativo do Vale. (Veja ANEXO Q) Todos os anos, a partir de 2006 está saindo reportagens neste jornal e demais jornais do Vale do Taquari, que enfatizam sobre este levante armado, fazendo com que as pessoas saibam que existiu um momento político no Rio Grande do Sul que apoiou a Revolução Constitucionalista.

Dessa forma, elencamos neste capítulo, desde o início do Combate do Fão em Soledade até o seu final nas margens do rio Fão. Este levante armado iniciado em Soledade ficou inicialmente ao lado do governo Flores da Cunha e Getúlio, e depois de receber ajuda para formação do Corpo Auxiliar em Soledade virou de lado, passando a apoiar a Revolução Constitucionalista em São Paulo. Vimos que, este levante armado que apoiou a causa paulista também foi reprimido pelas forças governamentais às margens do rio Fão, ficando neste local alguns combatentes sepultados.

5 CONCLUSÃO

Como vemos a Revolução Constitucionalista iniciada em julho de 1932 em São Paulo repercutiu em outros estados do Brasil, como Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Este último estado, foco do presente trabalho é que levantou-se um grupo de revolucionários que apoiaram os paulistas. O interventor do estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, não apoiou São Paulo e se manteve ao lado de Getúlio Vargas. O interventor colocou corpos auxiliares em todas as regiões do Rio Grande do Sul para que possíveis levantes e confrontos não acontecessem.

Apesar disto, vários levantes armados surgiram para apoiar a causa paulista, recebendo apoio de líderes partidários da FUG (Frente Única Gaúcha), como Borges de Medeiros, Raul Pilla e Batista Luzardo, que de uma maneira ou outra influenciaram os combatentes a apoiar a causa paulista. Os levantes armados em apoio de São Paulo travaram luta com tropas governamentais, sob o mandato de Flores da Cunha. Um desses confrontos foi o Combate do Fão, em Soledade, o qual em setembro de 1932 enfrentou as tropas do governo estadual, nas margens do rio Fão.

Visando analisar e entender o Combate do Fão de 1932, levantamos como problemática as seguintes questões: Que grupo social e agremiações políticas pertenciam às pessoas que apoiavam os constitucionalistas? Quais as dificuldades encontradas pelos revolucionários ao que se refere ao número de armamentos e enfrentamento com as tropas estaduais?

Relativo as problematizações apresentadas para a pesquisa, as hipóteses levantadas são: A primeira delas é que o grupo social a que pertenciam os opositoristas ao governo federal e que participaram do levante conhecido como Combate do Fão, pertencia a elite dos municípios de Espumoso, Mormaço, Barros Cassal e Soledade. Sobre a agremiação política faziam parte tanto do Partido Republicano como do Libertador, estes os quais admiravam Borges de Medeiros do partido Republicano, e Raul Pilla do partido Libertador e demais apoiadores da causa paulista.

Quanto à primeira hipótese, as agremiações partidárias eram pertencentes aos partidos Republicano e Libertador sendo que os combatentes pertenciam aos municípios de Soledade e cidades vizinhas, encontramos confirmação em autores como Paula (1933), Franco (1975), Schierholt (1992), Wedy (1999), Lampert (2005) e Dalla'Agnol (2008) e ainda entrevistas (A e B). Além de pessoas que tinham cargos partidários, como General Candoca, Kurt Sapalding e Caio Gracco Serrano, também tinham profissões importantes, como prefeitos, subdelegado, advogados, comerciantes e dentistas nas cidades de Soledade, Espumoso, Barros Cassal e Lajeado. Através das entrevistas tivemos o registro de outras classes sociais que algumas obras não foram encontradas, como negros e demais pessoas que tinham influência dos partidários (Republicano e Libertador).

Quanto à segunda hipótese, dizemos que as dificuldades encontradas pelos combatentes foram muitas, em decorrência dos lugares de difíceis acessos que o levante passou e também pela quantidade de armamentos que levavam. Os armamentos doados pelo governo estadual durante a criação dos corpos provisórios em Soledade, foram utilizados pelos combatentes do trigésimo corpo provisório quando o general Candoca decidiu apoiar os paulistas e conseqüentemente atacar o quadragésimo corpo provisório. As forças estaduais que foram enviadas pelo interventor Flores da Cunha para evitar o levante apoiador da Revolução Constitucionalista, eram mais equipadas tanto em armamentos como em número de homens. Com isso, o combate se encerrou nas margens do rio Fão com a fuga dos revolucionários, os quais não tiveram como vencer as tropas estaduais e seguir seu caminho.

Relativo à segunda hipótese constatamos que o levante armado iniciado em Soledade levou a campo muitas pessoas, que estavam dispostos a apoiar os paulistas. O levante sob o comando do General Candoca, desde Soledade até as margens do rio Fão ficou estabelecido em diversas localidades, como o 8º distrito de Barros Cassal, Rincão Santo Antônio e seus acampamentos próximos a Barra do Brás (Barros Cassal). Também passou por dentro de rios para travessia, como o rio Fão que na época estava muito cheio, como vimos nas entrevistas e nas obras de Almeida (1999) e Paula (1933).

Os armamentos, segundo Paula (1933) que compunham o levante foram doados pelo governo estadual durante a criação dos corpos provisórios em Soledade. Logo após a decisão dos revolucionários de Soledade em apoio a São Paulo estes corpos provisórios, foram tomados pelos combatentes chefiados pelo General Candoca, que decidiu apoiar os paulistas e atacou o quadragésimo corpo provisório e assegurou todos os armamentos. Já o levante de Lajeado que desejava se unir com o levante de Soledade, segundo Shierholt (1992), tinham todos os armamentos que estavam no porão da prefeitura, desde a Revolução de 1930.

Além do número inferior de armas os combatentes que faziam parte do Combate do Fão eram em quantidade menor de número de homens, como afirma Paula (1933) e Santos (1991). Os que assinaram o manifesto em Soledade tinha um número de 43 pessoas e o levante que vinha de Lajeado conforme Schierholt (1992), era composto por 93 pessoas. Constatamos também que nem todas as pessoas envolvidas assinavam o manifesto e eram influenciadas pelos partidários dos municípios.

Através desse trabalho encontramos não só o Combate do Fão, em Soledade, mas outros levantes em regiões do Rio Grande do Sul, como Vacaria, São Sepé, Lagoa Vermelha, Pelotas, Lajeado, Encantado e outros que foram reprimidos pelas forças governamentais.

Todos que no Rio Grande do Sul estavam dispostos a juntar-se ou apoiará Revolução Constitucionalista, tiveram um ato de coragem, pois sabendo que as forças governamentais estavam bem mais equipadas em armamentos e número de

homens, não tinham se quer chances de vitória. Mesmo assim se aventuraram de seguir em frente e foram todos os levantes reprimidos, inclusive o do Combate do Fão.

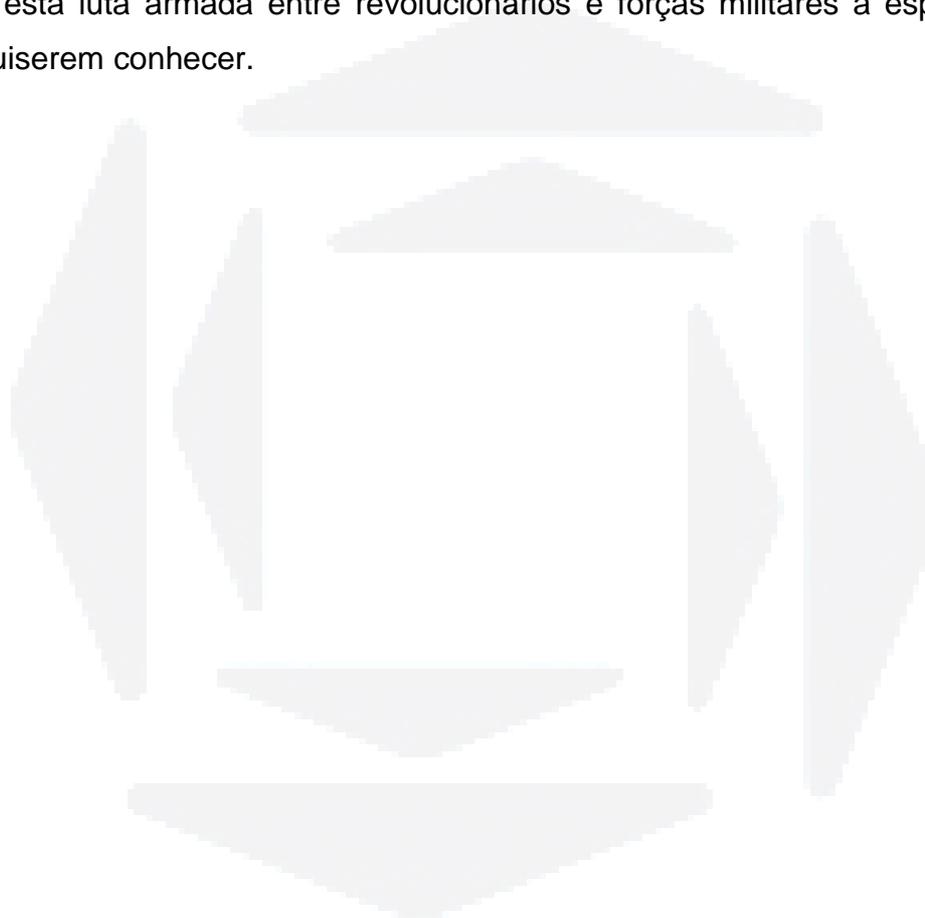
Neste sentido, percebemos que muitas pessoas, como familiares dos combatentes, pessoas que possuem cargos importantes nos municípios que se envolveram no Combate do Fão e a comunidade de Barra do Dudulha, não querem que este episódio passe por despercebido. Por isso, todos os anos no mês de novembro é comemorado o Combate do Fão, na comunidade de Barra do Dudulha, através de uma festa e homenagens aos familiares dos combatentes.

Constatamos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, pois através das pesquisas bibliográficas e as entrevistas entendemos melhor o Combate do Fão desde seu início em Soledade até seu final na comunidade de Barra de Dudulha, nas planícies do rio Fão. Nas pesquisas em acervos, como da Brigada Militar e Casa de Cultura de Lajeado, encontramos obras que falaram da Revolução Constitucionalista e precisamente do Combate do Fão, favorecendo o entendimento da pesquisa. Quanto ao número de mortos no Combate do Fão, fizemos uma comparação de todos os dados bibliográficos e as entrevistas que foram encontrados, sendo que não tivemos um número certo de mortes. Encontramos dados com número diversificados como seis, oito, treze, cem, trezentos, não chegando à um número específico. Acreditamos que, na localidade estão sepultados seis combatentes.

Em relação as entrevistas, tivemos a oportunidade de conhecer melhor detalhes da Revolução Constitucionalista no Rio Grande do Sul, assim como o tema principal deste trabalho. Isto porque a oportunidade de conhecer os filhos de combatentes nos proporcionou mais conhecimento do Combate do Fão, obras bibliográficas, materiais e também de conversas com pessoas que vivenciaram a situação da época, portanto foi uma forma de vivenciarmos através de falas, imagens e documentos, momentos envolvendo o combate que crescemos ouvindo, já que vivemos na região que eclodiu o Combate do Fão. Segundo Jacques Le Goff em “História e Memória” (2003, p. 471) temos: [...] a memória, na qual cresce a

história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”[...].

Finalizando a pesquisa, podemos concluir afirmando que o Combate do Fão representou um momento político do Rio Grande do Sul, em que pessoas contrárias a um dos ícones rio-grandenses – Getúlio Vargas – apoiaram a causa paulista mesmo reprimidos por forças governamentais gaúchas. O lugar onde se encerrou o Combate do Fão, Barra do Dudulha, município de Fontoura Xavier existem vestígios sobre esta luta armada entre revolucionários e forças militares a espera de todos que quiserem conhecer.



REFERÊNCIAS

Documentais

ALMEIDA, Telmo. **Os combatentes João dos Santos Almeida e Juvelino Queirós**. 1 fotografia color.; Coleção particular.

ALMEIDA, Telmo. **Homenagens dos combatentes recebidas em 1975 por ter participado da Revolução de 1932**. 1 fotografia color.; Coleção particular.

CARVALHO, Diógenes; ZIMMERMANN, Florisbella Carneiro (Org). **Memorial de 32: Diário de um Revolucionário**. s.d.

Correio do Povo. **Região ainda guarda vestígios do Combate do Fão**. Porto Alegre, p. 17, de 02 de outubro de 2008.

ENTREVISTA A. - 7 de agosto de 2010. **Gravação em fita mini-cassete**. Duração 2h. Estrela/RS.

ENTREVISTA B. - 16 de maio de 2009. **Gravação em fita mini-cassete**. Duração 1h e 45 min. Barros Cassal/RS.

ENTREVISTA C. - 10 de maio de 2009. **Gravação e fita mini-cassete**. Duração de 42 min. Pouso Novo/RS.

KREUTZ, Marcos; TROMBINI, Janaíne. **Levantes armados no Rio Grande do Sul em apoio a Revolução Constitucionalista**. 1 mapa color.

KREUTZ, Marcos; TROMBINI, Janaíne. **Vista parcial de Barra do Dudulha – Fontoura Xavier/RS**. 1 fotografia color.

KREUTZ, Marcos; TROMBINI, Janaíne. **Outra vista parcial de Barra do Dudulha – Fontoura Xavier/RS.** 1 fotografia color.

LIDERANÇA do partido Libertador em Soledade – **General Candoca.** 1 fotografia original. Arquivo Histórico de Soledade.

OFÍCIO. **Mensagem ao povo de Soledade.** 08 de novembro de 1975.

O Informativo do Vale. **Voluntários de Lajeado.** Lajeado, p. 15, 17 de setembro de 2009.

TROMBINI, Leda Tedeschi. **Grupo de voluntários de Lajeado.** s/d. 1 fotografia. 30 cm x 20 cm.

TROMBINI, Janaíne. **Cemitério da Revolução de 1932 na Barra do Dudulha.** 1 fotografia color.

TROMBINI, Janaíne. **Monumentos em homenagem aos combatentes.** 1 fotografia color.

TROMBINI, Janaíne. **Filhos de combatentes com uma espada do Combate do Fão.** 1 fotografia color.

TROMBINI, Janaíne. **Taipa onde os combatentes ficaram acampados.** 1 fotografia color.

REVOLUÇÃO de 1932. **Revoluções Brasileiras.** São Paulo. n. 2, s.d.

WEDY, Garibaldi Almeida. **Cartas Amorasas e outros momentos.** Porto Alegre: Renascença, 2003.

Bibliográficas

ALMEIDA, João dos Santos. **Sonhos, persistência e coragem.** Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932.** A causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COMIM, Márcio. **O combate do Fão: Uma Interpretação através da história Política.** 2002. 76 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade de Cruz Alta: UNICRUZ, 2002.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária.** São Paulo: Ed. Ibrasa, 2001.

FERREIRA, Filho Arthur. **Historia Geral do Rio Grande do Sul (1503-1964)- 5 ed.** Porto Alegre: Globo; [1 ed.1958] 5. ed.1978.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 11. Ed. São Paulo: Editora da USP/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 2003.

FERRI, Gino. **Por que Encantado a favor de São Paulo?** Encantado: GRAFEN, 1998.

_____. Encantado, sua história, sua gente. Encantado: B.G. Ltda, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Grall, 1979.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Soledade na História.** Porto Alegre: Ed, Companhia Rio Grandense – Corag, 1975.

GUERREIRO, Caroline Webber. **Vulcão da Serra: Violência política em Soledade – RS.** Passo Fundo:UPF, 2005.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do sul.** 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

LAMOUNIER, Bolívar. **Os grandes líderes: Getúlio.** São Paulo:Nova Cultural, 1988.

LAMPERT, Leandro. **Os Lampert: Origens, História e Genealogia.** 3. ed. Porto Alegre: 2005.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 2003.

REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da micro-análise.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988, p. 15-38.

LIMA, Nicacio João Maria de. **1875 – Judiciário – 2005: família forense e um pouco da história de Soledade.** Passo Fundo: Berthier, 2008.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PAULA, Jorge de. **O Fão. Episódio da revolução de 1932**. Passo Fundo: Serrador, 1933.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

QUARAÌ e o exército. Disponível em <http://www.5rcmec.eb.mil.br/ano_2009/images_site/sintese_historica/livro_rcmec/livro>. Acesso: em 22 out. 2010.

RANGER, Carlos Roberto da Rosa. O governo de Flores da Cunha. In: BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau. (orgs.) **República: da revolução de 1930 à ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. – v.4 p17-26.– (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

RIBEIRO JUNIOR, João. **Teoria geral do estado e ciência política**. 2ª Ed. São Paulo: EDIPRO, 2001.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela: Ontem e Hoje**. Lajeado: [s.e.] 2002.

_____. **Lajeado I**. Lajeado: Prefeitura Municipal (editor), 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Tenentismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SOUZA, Leodete Dall'agnol de Souza. **Combate do Fão – Soledade – RS**. 2008. 90 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade de Cruz Alta: UNICRUZ, 2008.

TAVOLARO, Agostinho Toffoli. **Revolução Constitucionalista de 1932: um exemplo para os jovens de hoje**. Da Academia Campinense de Letras. Disponível em: <<http://www.tavolaroadvogados.com/doutrina/cs592.pdf>>. Acesso: em 22 agot. 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. [1978] 1992.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30: a dominação oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

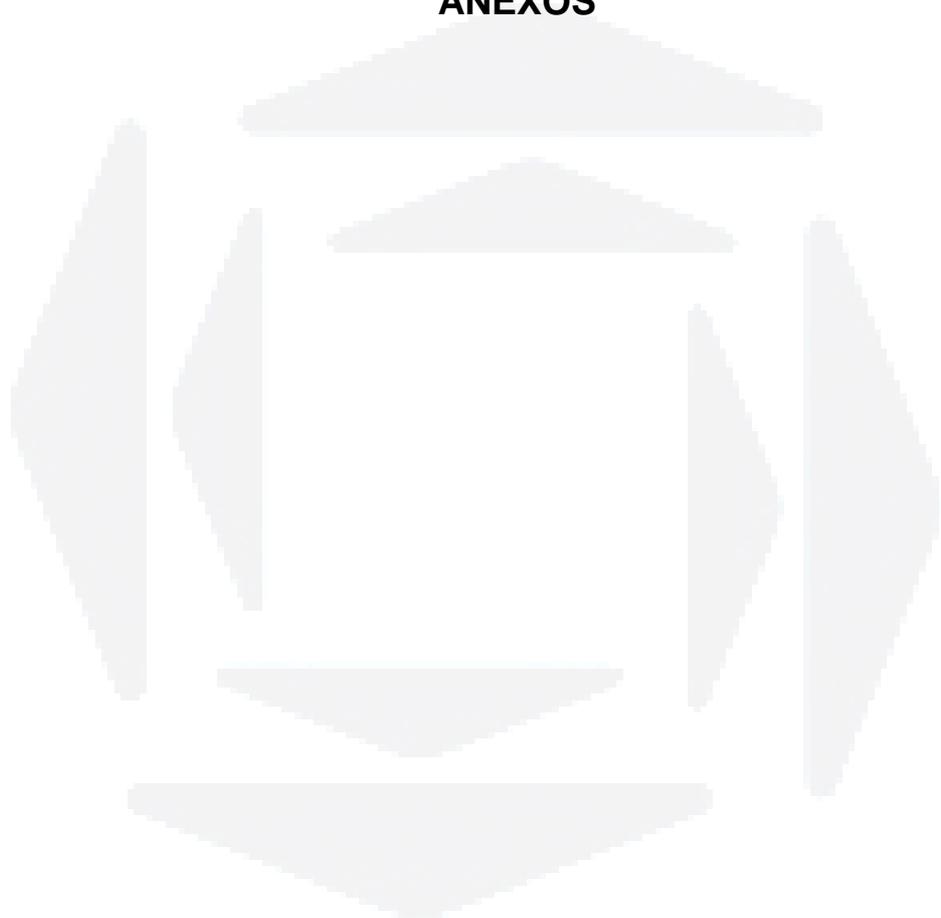
VERDI, Valdemar Cirilo. **Soledade das Sesmaria dos Monges Barbudos das pedras preciosas**. Soledade: [s.e.], 1987.

WEDY, Garibaldi Almeida. **O pequeno grande mundo de Soledade**. Porto Alegre: [s.e.],1996.

_____. **Soledade – Fatos políticos, violências e mortes, reminiscências, década de 1930-1949**. POA, Renascença, 1999.



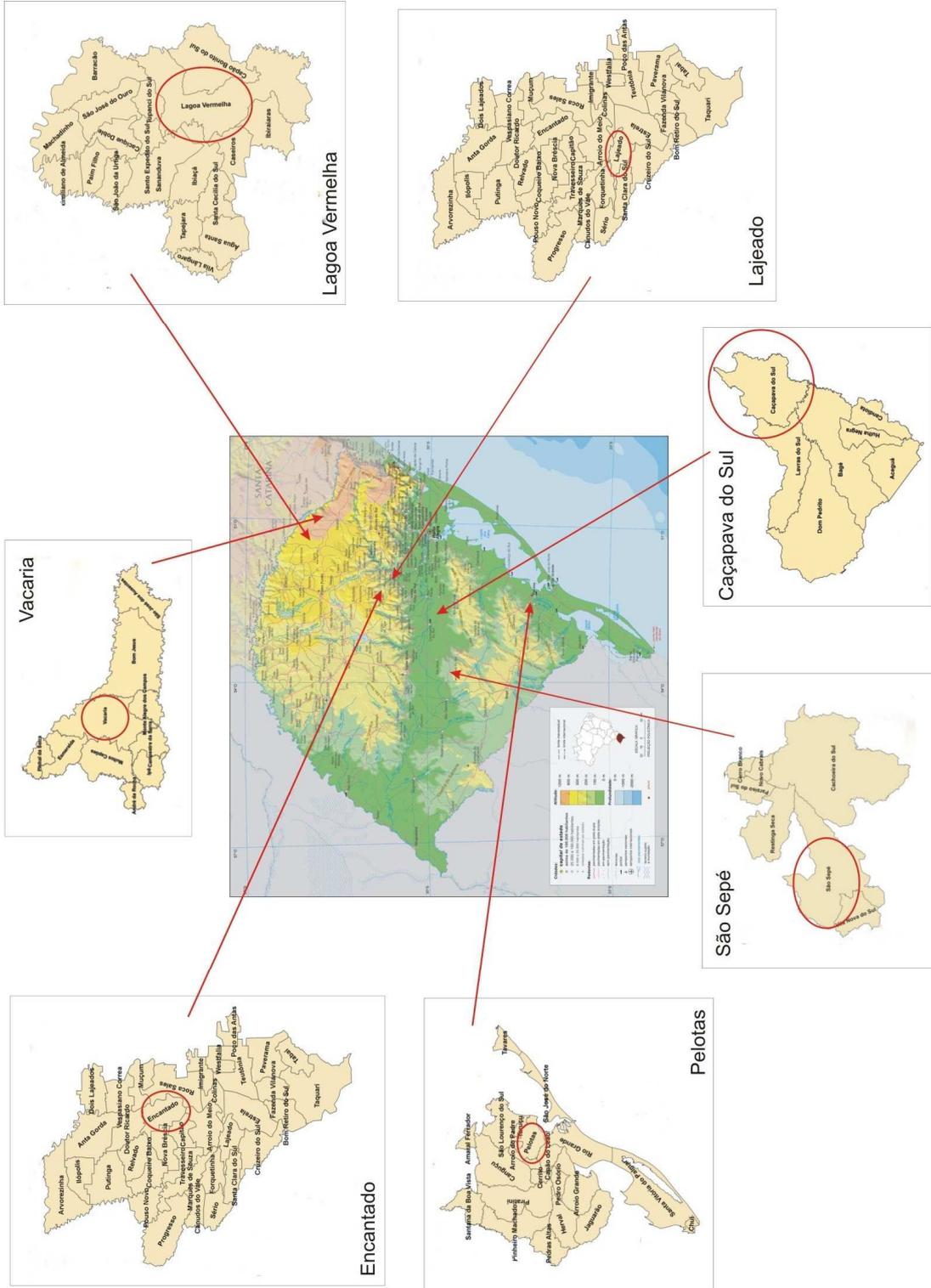
ANEXOS



LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Mapa dos levantes armados no Rio Grande do Sul em apoio a Revolução Constitucionalista.....	88
ANEXO B – Reportagem no jornal O Informativo do Vale sobre a lista dos nomes dos combatentes de Lajeado.....	89
ANEXO C – Fotografia do grupo de voluntários de Lajeado.....	90
ANEXO D - Liderança do Partido Libertador em Soledade – General Candoca.....	91
ANEXO E - Os combatentes João dos Santos Almeida e Juvelino Queirós.....	92
ANEXO F – Filhos de combatentes com uma espada do Combate do Fão.....	93
ANEXO G – Reportagem no Correio do Povo sobre vestígios do Combate do Fão.....	94
ANEXO H – Taipa onde os combatentes ficaram acampados.....	95
ANEXO I - Vista parcial de Barra do Dudulha – Fontoura Xavier/RS.....	96
ANEXO J - Outra vista parcial de Barra do Dudulha – Fontoura Xavier/RS.....	97
ANEXO L - Foto do cemitério da Revolução de 1932 na Barra do Dudulha.....	98
ANEXO M– Monumentos em homenagem aos combatentes.....	99
ANEXO N – Ofício de São Paulo para homenagear os soledadenses.....	100
ANEXO O – Homenagens dos combatentes recebidas em 1975 por ter participado da Revolução de 1932.....	101
ANEXO P – Reportagem no jornal O informativo do Vale sobre o aniversário do Combate do Fão.....	102

ANEXO A – Mapa dos levantes armados no Rio Grande do Sul em apoio a Revolução Constitucionalista



Fonte: Kreutz e Trombini, 2010.

ANEXO B – Reportagem no jornal O Informativo do Vale sobre a lista dos nomes dos combatentes de Lajeado



Fonte: Jornal O informativo do Vale de 17 de setembro de 2009, p. 15

ANEXO C – Fotografia do grupo de voluntários de Lajeado



Fonte: Acervo de Leda Tedeschi Trombini

ANEXO D - Liderança do Partido Libertador em Soledade – General Candoca



Fonte: Arquivo Histórico de Soledade

ANEXO E - Os combatentes João dos Santos Almeida e Juvelino Queirós



Fonte: ALMEIDA, 2009.

ANEXO F – Filhos de combatentes com uma espada do Combate do Fão



Fonte: Trombini, 2009.

ANEXO G – Reportagem no Correio do Povo sobre vestígios do Combate do Fão

Região ainda guarda vestígios do Combate do Fão

ALBERTO KESSELHO / ESPECIAL / CP

O Combate do Fão, ocorrido na localidade de Barra do Dudulha, divisa dos municípios de Progresso, Fontoura Xavier e Pouso Novo, durante a Revolução Constitucionalista, completou neste mês 76 anos. A batalha entre gaúchos da região que aderiram ao levante paulista e as tropas do governo estadual deixou dezenas de mortos em 13 de setembro de 1932. Seis corpos estão sepultados no local. Ainda hoje é comum agricultores que cultivam lavouras nas proximidades encontrarem vestígios do episódio, como balas de fuzis. Fala-se também que há revólveres e fuzis guardados como relíquias em residências da região. Muitas delas foram conservadas por famílias que participaram do combate, atravessando gerações. Outras, devido ao desinteresse ou falta de conhecimento, acabaram destruídas pelo tempo.

Uma dessas armas – uma espada de aço, medindo 60 centímetros – está em poder de um morador de Progresso. “Garhei de presente de um amigo que possui uma propriedade na Barra do Dudulha. Ele estava arando e estranhou um objeto que fez muito barulho em meio à terra mexida. Até levou um susto quando viu que era uma espada”, conta o ferreiro Pedro Paulo Constantin, de 55 anos. A arma teria sido achada perto do local onde ocorreu o combate. “Como para ele não tinha utilidade, resolveu doar. Já faz uns dois anos, e guardo com muito carinho, pois sei que é algo histórico”, afirma. Constantin salienta que, se um dia for criado um museu, poderá repassar o objeto. “Faz parte da história da nossa região e as gerações futuras merecem conhecer tudo o que aconteceu naquela época.”

Ferreiro conserva espada com 60 cm de lâmina de aço

Fonte: Jornal Correio do Povo de 02 de outubro de 2008, p. 17.

ANEXO H – Taipa onde os combatentes ficaram acampados



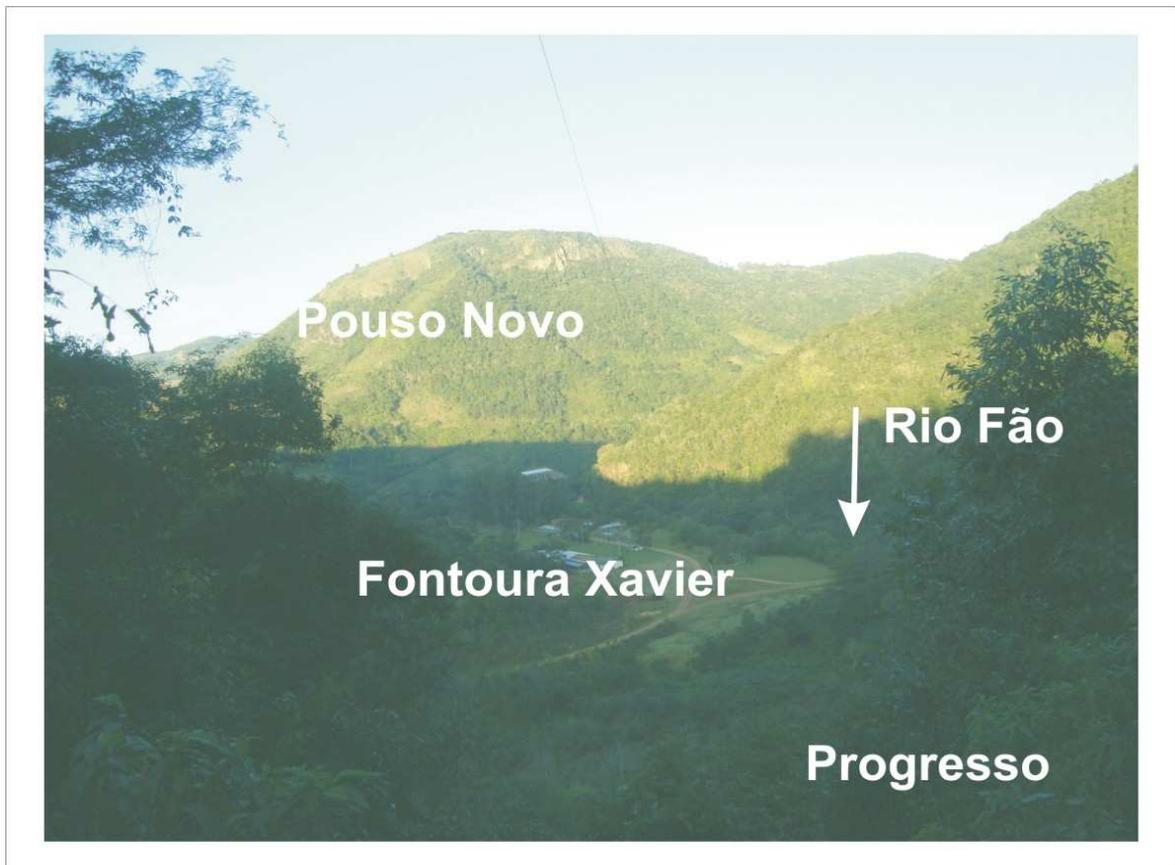
Fonte: Trombini, 2010.

ANEXO I - Vista parcial de Barra do Dudulha – Fontoura Xavier/RS



Fonte: Kreutz e Trombini, 2010.

ANEXO J - Outra vista parcial de Barra do Duda - Fontoura Xavier/RS



Fonte: Kreutz e Trombini, 2010.

ANEXO L - Foto do cemitério da Revolução de 1932 na Barra do Dudulha



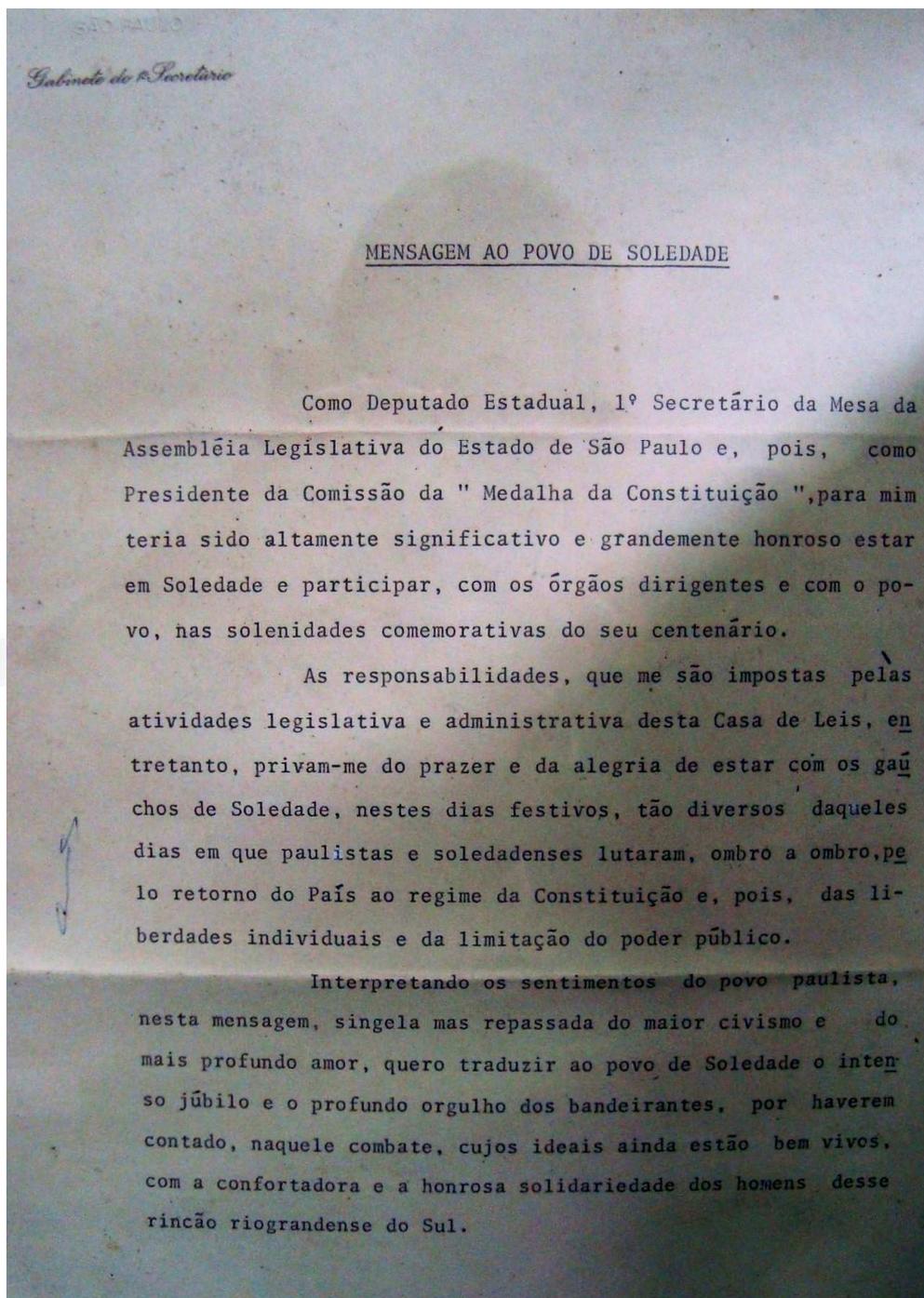
Fonte: Trombini, 2009.

ANEXO M– Monumentos em homenagem aos combatentes



Fonte: Trombini, 2009.

ANEXO N – Ofício de São Paulo para homenagear os soledadenses



Fonte: Arquivo Histórico de Soledade.

ANEXO O – Homenagens dos combatentes recebidas em 1975 por ter participado da Revolução de 1932



Fonte: Almeida, 2009.

ANEXO P – Reportagem no jornal O Informativo do Vale sobre o aniversário do Combate do Fão

14 GERAL

O INFORMATIVO DO VALE, SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 2010



Barra do Dudulha, local onde ocorreu o combate



Seis corpos estariam sepultados neste cemitério

COMBATE DO FÃO

Uma história que completa 78 anos

Na última semana, casal encontrou mais balas de fuzil, as quais remetem ao acontecido na Barra do Dudulha

VALE DO TAQUARI

O amanhecer de 13 de setembro de 1932 ficou marcado na história da Barra do Dudulha, na divisa dos municípios de Fontoura Xavier, Pouso Novo e Progresso. Foi o dia de um violento combate entre apoiadores gaúchos da Revolução Constitucionalista e tropas armadas do governo de Flores da Cunha. O Combate do Fão completa 78 anos na terça-feira. E resgacões ainda fazem a comunidade lembrar-se, seguidamente, do acontecido. No local da ação bélica há um pequeno

cemitério onde estariam sepultados combatentes dos dois lados. De acordo com depoimentos que atravessaram gerações, o número de mortos é uma incógnita. Alguns falavam em seis, outros em mais de cem. E há ainda quem diga que eram mais de 300 corpos. Conta-se também que uma caixa com armas estaria no fundo de um poço no Arroio Dudulha. Na última semana, o casal Juarez e Leda Trombini, ao lavrar uma área para plantar fumo, próximo do cemitério, encontraram balas de fuzil. "Temos dezenas guardadas, seguidamente

ao remexer a terra nos deparmos com isso. Estamos guardando para um dia colaborar com a instalação de um museu", revela Leda.

Um museu é o sonho da acadêmica de História da Univates e natural da Barra do Dudulha Janaine Trombini (22), que pesquisa há muito tempo sobre o episódio. "Todos os meus trabalhos, inclusive o de conclusão de curso, são sobre o Combate do Fão. Busco simpatizantes para, comigo, construir esse sonho de guardar em um espaço adequado. Acredito que falta muito apoio de prefeituras. Como se sabe pouco sobre o ocorrido, procuro ajudar."



Balas de fuzil encontradas recentemente

A HISTÓRIA

A Revolução Constitucionalista iniciou-se em 9 de julho de 1932, em São Paulo. Mas somente em setembro que um grupo de 60 constitucionalistas de Soledade, comandados pelo General Cândido Carneiro Júnior (Candoca), partiu em direção àquele Estado, a fim de prestar auxílio aos paulistas. O objetivo era depor o presidente Getúlio Vargas, que governava sem Constituição. Do outro lado, uma tropa do governo, com cerca de 200 soldados, era acionada para combater os opositores. Na localidade de Campo Branco, situado no hoje município de Progresso, as forças governistas, representadas pela Brigada Militar, se concentraram para marchar contra os revolucionários. Entre eles, muitos recrutados em Lajeado. E foi na Barra do Dudulha, na época divisa entre Lajeado e Soledade, que houve o encontro das duas tropas.

Os constitucionalistas chegaram à localidade em 12 de setembro de 1932 e montaram acampamento. Às 20h foram atacados com tiros de fuzil e rajadas de metralhadora, dando início à luta. No amanhecer do dia seguinte, as forças do governo começaram o combate decisivo. Os revolucionários foram ajudados por uma neblina cerrada que levantava do Rio Fão, encoberto as margens do rio, não permitindo que os soldados do

governo o localizassem, até porque lutavam em desvantagem em razão do número de combatentes e na qualidade de armamento e quantidade de munição. Às 20h, a neblina começou a subir e o campo de batalha ficou visível. O ataque dos governistas se intensificou com os tiros de fuzil matando os trabalhadores. Entinchelados em diversos pontos, atrás de uma cerca de pedras que haviam preparado ou atrás de árvores, só ouviam as balas ricochetear nas pedras, e em outro ponto descascarem as árvores.

Passado do meio-dia, os revolucionários foram desistindo e se escondendo na mata, descendo na margem esquerda do Rio Fão, para se reencontrar no lugar chamado Gramado, conforme havia sido previamente combinado. Aos poucos foram se dispersando e alguns retornaram pelo Arroio Dudulha, onde até hoje existem marcas no rochedo, próximo da Picada Castro. Em 14 de setembro, a Brigada Militar já havia abandonado o local e o padre de Vila Fão, frei franciscano Tiago Scheffers, com alguns moradores, foi até o campo de batalha, encontrando os corpos de cinco combatentes revolucionários, mortos na luta, e observaram inúmeras covas, onde haviam sido enterrados os restos mortais dos soldados da Brigada Militar.



Juarez e Leda Trombini segurando munição encontrada no combate

TREZENTOS MORTOS

O aposentado Pedro Bernardo Nunes, nascido em 28 de junho de 1918, recorda, com muita lucidez, dos acontecimentos de 1932. Ele residiu na Barra do Dudulha até os 40 anos de idade. Locomovendo-se com alguma dificuldade e apoiado por uma bengala, o morador do Bairro Cohab, de Estrela, relata que dia 12 de setembro daquele ano, após frequentar o colégio, em que as aulas ocorriam na igreja, se dirigiu a pé até a localidade de Três Pinheiros para levar um pão para seu pai que trabalhava na localidade. "Quando passamos na casa comercial do lugar, o pessoal comentava que as tropas se enfrentariam na Barra do Dudulha. Poucos acreditavam.

Lembro que meu pai nos segurou por lá, ouvimos tiros à noite e, quando voltamos, no dia seguinte, havia muitas pessoas mortas e destruição por toda a parte. Balas de fuzil e espadas estavam espalhadas pelo chão. O cheiro era insuportável. Só tivemos aula uma semana depois. Do lado dos revolucionários contamos um seis mortos. Já do lado do governo, encheram três caminhões com corpos. Falavam que foi em torno de 300 que perderam a vida." Nunes também lembra de uma situação curiosa. "Três dias depois do combate chegou uma família de Santa Maria e desenterrou um corpo que estava sepultado perto do rio. Era de um fante, com a boca cheia de dentes de ouro", afirma.



Bernardo Nunes conta que ainda se lembra da triste cena que testemunhou há 78 anos